

EDIÇÃO 1 | ANO 1
JANEIRO DE 2014
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



R E V I S T A

Vertentes Cultural

A revista do Sicoob Credivertentes

São Miguel Arcanjo: a entidade que resgata anjos

Pág. 9

Entrevistas:

João Oliveira, Jasminor Vivas, Paulo Melo e Luiz Garcia falam sobre cooperativismo, desenvolvimento e desafios na região.

Pág. 7, 22, 32 e 41

Itutinga: o paraíso (quase) desconhecido

Pág. 34

"Doutor" Fontana: o mensageiro da esperança

Pág. 38



SER MINEIRO

Carlos Drummond de Andrade

Ser Mineiro é não dizer o que faz, nem o que vai fazer,
é fingir que não sabe aquilo que sabe,
é falar pouco e escutar muito,
é passar por bobo e ser inteligente,
é vender queijos e possuir bancos.

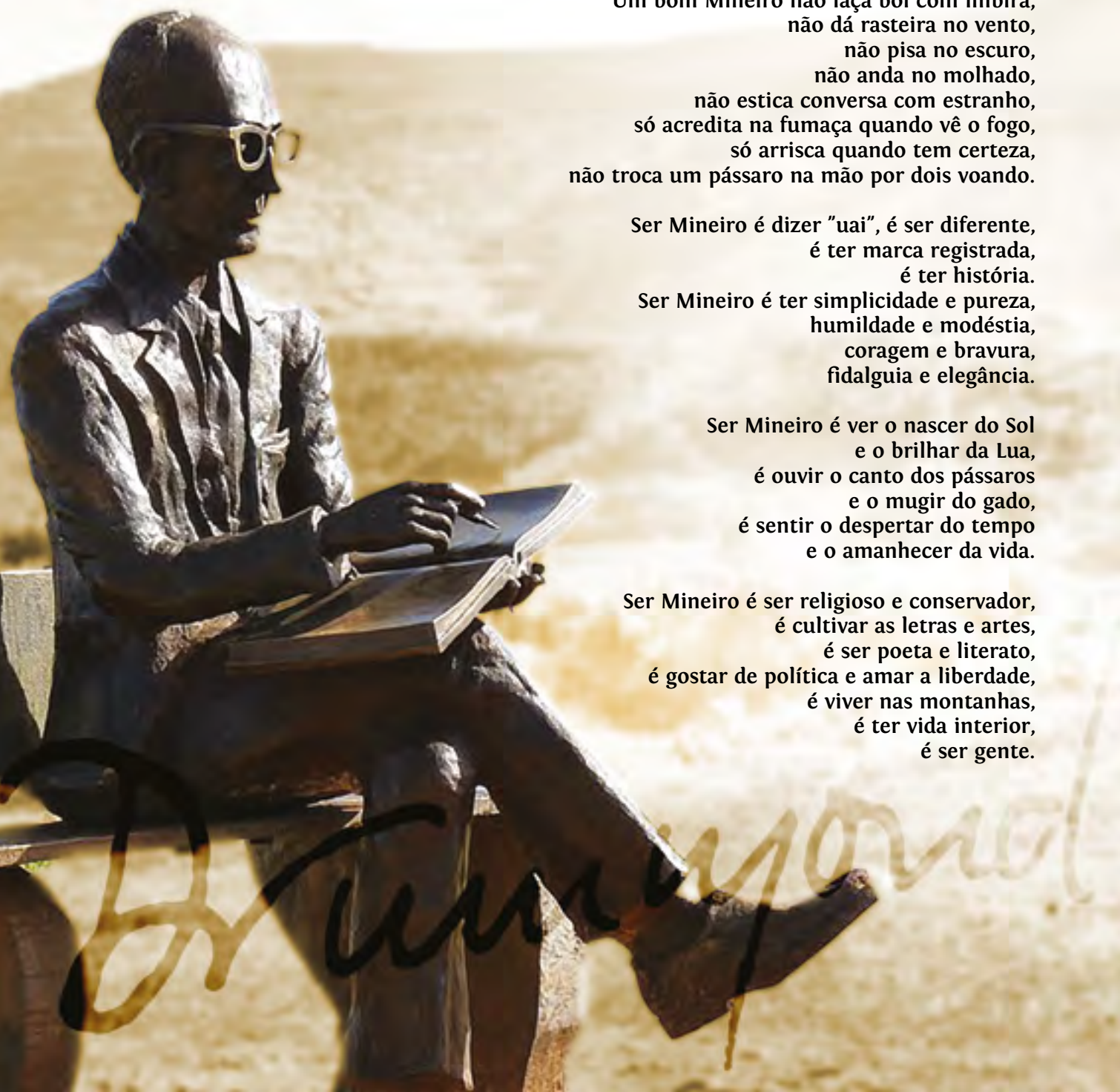
Um bom Mineiro não laça boi com imbirá,
não dá rasteira no vento,
não pisa no escuro,
não anda no molhado,
não estica conversa com estranho,
só acredita na fumaça quando vê o fogo,
só arrisca quando tem certeza,
não troca um pássaro na mão por dois voando.

Ser Mineiro é dizer "uai", é ser diferente,
é ter marca registrada,
é ter história.

Ser Mineiro é ter simplicidade e pureza,
humildade e modéstia,
coragem e bravura,
fidalguia e elegância.

Ser Mineiro é ver o nascer do Sol
e o brilhar da Lua,
é ouvir o canto dos pássaros
e o mugir do gado,
é sentir o despertar do tempo
e o amanhecer da vida.

Ser Mineiro é ser religioso e conservador,
é cultivar as letras e artes,
é ser poeta e literato,
é gostar de política e amar a liberdade,
é viver nas montanhas,
é ter vida interior,
é ser gente.



- 4 Editorial
- 5 Palavras do Sicoob
Credivertentes

Entrevista

- 7 João Pinto de Oliveira
(Presidente)

Primeiro Plano

- 9 Os milagres da São
Miguel Arcanjo

Economia

- 13 Desenvolvimento
conjunto? Moeda
própria? Sim, é
possível

Cultura

- 15 ManiCômicos e Sem
Eira: arte democrática
- 18 A história escondida
nas entrelinhas

Entrevista

- 22 Jasminor Martins Vivas
(Diretor Administrativo)

Turismo

- 24 Itutinga: terra das
águas
- 30 Prados: a cidade
que respira música

Entrevista

- 32 Paulo Melo
(Vice-presidente
do Conselho
Administrativo)

Social

- 34 Redes Sociais:
atenção nas 'teias'
que pegam... gente

Vida

- 38 Doutor Fontana: o
homem e a cura

Entrevista

- 41 Luiz Henrique Garcia
(Diretor Executivo
Finaceiro)

Qual o tamanho do seu sonho? E da sua fé?

Num dia você é a criança que faz perguntas à queima-roupa para os adultos. “O que é a morte?”, “De onde veem os bebês?”. No outro, é a vida quem o coloca contra a parede e questiona sobre assuntos que nenhuma busca ao Google ajuda a resolver.

Era início dezembro quando recebi a tarefa de revisar materiais publicitários para o *Sicoob Credivertentes*. Era início de dezembro quando uma página de agenda promocional me pegou de surpresa: “Qual o tamanho do seu sonho?”.

As letras, em negrito, pareciam golpes certos em minha mente. Eu não tinha a resposta. Eu, a jornalista que havia percorrido centenas de quilômetros entre os municípios abrangidos pela Credivertentes e gravado quase seis horas de entrevistas, interpelando personagens ao longo de outubro, me engasguei mentalmente. Ou pelo menos acreditei que sim até receber em mãos uma amostra da **Vertentes Cultural**. Foi relendo todo o trabalho que entendi: não importa o tamanho das aspirações. Importam as parcerias. Importa a fé.

Fé em algo maior, como aquela nutrida pelo jovem italiano que, considerado “louco” por alguns, comprou com doações uma fazenda fadada à ruína e a transformou em uma entidade atendendo

mais de 400 crianças gratuitamente em Barbacena; ou a que levou um ex-inspetor de seguros a salvar a saúde de toda Ibertioga.

Fé em si mesmo, como a da comerciante que, querendo evitar a própria aposentadoria, transformou a casa em que morava na maior pousada do município. Fé no inusitado, como a dos atores da Cia. Teatral ManiCômicos, em São João del-Rei; ou dos integrantes do Coletivo Sem Eira Nem Beira.

Fé nos ideais, como a do ex-inspetor de sinistros que, revoltado com as mortes que presenciara em Ibertioga, idealizou e colocou em prática a construção do hospital local; ou dos envolvidos na implantação de uma rede para Economia Popular Solidária.

Fé em tudo isso junto, como a da diretoria do *Sicoob Credivertentes* em todos aqueles que, bem como os protagonistas dessas histórias, reconhece a importância de pensar, inovar, perseverar, lutar, firmar parcerias que fazem a diferença e investir nos sonhos que, independentemente do tamanho, têm lugar garantido para serem construídos na realidade.

Sonhos que merecem ser contados, sempre, nas páginas da **Vertentes Cultural**. Boa leitura!

Não importa o tamanho das aspirações. Importam as parcerias. Importa a fé.



Palavras do Conselho de Administração do Sicoob Credivertentes

Ao lançarmos o 1º número da revista “VERTENTES CULTURAL”, indispensável se faz uma palavra de reconhecimento a todos os nossos colaboradores, conselheiros, dirigentes e em particular aos senhores associados.

Consideramos e entendemos que o dia 21 de Março de 2013 – data de realização da XXVIII Assembleia Geral Ordinária do SICOOB CREDIVERTENTES, estará consignado como um marco histórico, um momento sumamente singular, talhado a centenas de mãos no bronze dos anais de nossa Instituição cooperativista.

Precisamente nesse dia, como um dos temas assembleares ali regimentalmente abordados, o plenário presente aprovou, por unanimidade e com aplausos, o projeto de edição de uma revista inicialmente semestral, de reconhecimento e divulgação regional, com temas voltados, em especial, para – e a partir – das comunidades de atuação do SICOOB CREDIVERTENTES.

Uma forma compromissada de enfatizar nossos valores, nossas raízes, nossa memória, economia, sustentabilidade socioambiental. Enfim nossa cultura, nossa alma profusamente mineira! Um flash de luzes, um batear no tempo, o emergir das riquezas absconditas de nosso meio, uma ebulição de tachos dos engenhos, dos cadinhos das casas de fundição, a magia dos ateliês dos mestres de artes, tradições orais e inigualáveis “causos”, belezas naturais, artesanato, gastronomia, ofícios mecânico-manuais, todo um inestimável patrimônio natural e humano, engenhosidades, sensibilidades – histórias a tantas e quantas de nosso Homem das Vertentes...

O SICOOB CREDIVERTENTES, com atuação regional e em expansão operacional, orgulha-se de nossas seculares tradições, de nossos valores, projetos de desenvolvimento sustentável e de, assim, podermos semear solidária e incondicionalmente para a atual e as novas gerações, dizendo-lhes sobre a importância de crer, confiar, preparar-se ética e intelectivamente, cooperar, agir.

Uma decisão dos senhores Associados que configura o alto nível de conscientização e de envolvimento de nosso quadro social com os propósitos maiores do SICOOB CREDIVERTENTES, uma vitória da cultura e de toda a região! Para tanto e quantos, sob os auspícios das Bênçãos Divinas, toda a nossa gratidão e reverência!



Vertentes, Região libertária, berço da Inconfidência, do ciclo e circuito do ouro, expressão sensível, palpável, da arte barroca, dos ofícios setecentistas, das trilhas e caminhos de Goiás, da Estrada Real e tantas outras, por onde escoaram riquezas, fluíram sonhos e suores, confluíram utopias a irrigarem, com mercadorias e ideais, o desenvolvimento pátrio.

Região pujante que sofreu, por séculos, o estigma da decadência das jazidas de ouro, a exaustão das minas, o fracasso da sedição inconfidente, o êxodo de tantos filhos em busca de outros eldorados, marginalizada em suas pequenas comunidades e núcleos rurais, mas também celeiro de homens, de produtos e ideias a abastecerem os grandes núcleos urbanos e metrópoles da Nação.

Sabemo-la promissora, virtuosa, ubérrima de potencialidades econômicas, a partir de suas longevas tradições, de sua arte, artesanato, ofícios mecânico-manuais, gastronomia com suas centenárias receitas, folclore, religiosidade, oralidades, sabedoria, magias, vitalidade - efervescente, latente vida!

Região em que cultura e memória afloram pelas toscas pedras da estrada, do alto dos sobrados e campanários, por campos ermos e povoações adjacentes, imensuráveis legados de nossos antepassados; recursos naturais, hídricos, topográficos, orológicos exuberantes, permitindo a iniciação e a expansão de iniciativas negociais e autossustentáveis nas áreas turística, ecológica, de esportes radicais, culinária típica - verdadeiros ícones e portais a serem desvendados, trabalhados pela veia empresarial de nossa gente.

Região que busca sempre se reconhecer, se revestir com toda a sua natural beleza e riqueza, com sua mente e gente arrebatadoras; terra que se surpreende, nos fascina, a cada desvelar, a cada olhar, - ah, terno, entranhado amar! - com sua incomum e esfuziante grandeza!

Rica alma, entranhas de nossa região, que pedem para ser desvendadas, assomadas. Abundância de histórias, feitos humanos, paisagens, artes, ciências, tradições, vocações. O debruçar-se, por todos nós, sobre o tempo. Valores do passado, realizações e empreendimentos do presente, sonhos e expectativas do futuro maior.

Trazemos conosco, nas veias, nos anseios, as rijas passadas indígenas, a saga desbravadora dos bandeirantes, a garra e a força imemorial do negro, a sanha dos bateadores e caçadores de pedras preciosas, a audácia dos tropeiros, o imaginário revolucionário dos inconfidentes, a impetuosidade solitária dos sertanejos - nós, cavaleiros andantes, "ficantes" por fundos vales, arraigadas selas dentre azuis montanhas, verdes céus.

Somos todos nós, mineiros de gema, filhos das Vertentes - e que nos espraíamos pela Mantiqueira, Mata, Oeste e alhures - herdeiros e artífices de tamanho acervo natural, cultural, quão expressivamente humano.

Povo laborioso, orgulhoso, habilidoso, singular, filho híbrido do vale e do monte, da luz e da sombra, genuíno coração barroco; NÓS, nobres e matutos, dons quixotes e sanchos panchas fusionados, lábios em contrita oração, mãos e cérebros em porfiada semeadura, a resgatarmos, a perfilharmos, a envergamos com júbilo, com orgulho, suas/NOSSAS raízes, em intermitente vocação de fé, pujança, progresso, iluminação!



Presidente

O 'Homem das Vertentes' e o Sicoob

Pode parecer clichê, mas a história de João Pinto de Oliveira se mistura à da própria *Credivertentes*. Não só porque é um dos membros fundadores e presidente da cooperativa ainda hoje, mas porque viveu, na pele, as agruras dos produtores rurais da região. “Nasci em Resende Costa. Ouvi desde criança os relatos do pessoal do campo sobre as dificuldades de se produzir, comercializar, negociar. As comunidades eram abandonadas, entregues à própria sorte”, lembra. E isso incluía, além de recursos financeiros, burocracia e distância dos centros, a falta de estruturas bancárias na região. “Tinham que guardar o dinheiro sob o colchão”.

E foi inspirado pela vivência e pelos relatos nas rodas das pequenas cidades que Oliveira integrou a linha de frente na criação da cooperativa que preside desde os anos 80. Não sem antes passar pela Cooperativa Agropecuária São Tiago Ltda (Castil), onde garimpou experiências práticas essenciais para a gestão do Sicoob Credivertentes, atualmente, de uma das organizações mais respeitadas do Campo das Vertentes, com 27 anos ininterruptos de atuação, 12 mil associados e abrangência em mais de 15 comunidades locais. Números que levaram o Sicoob regional ao status de 34ª instituição financeira do Estado na revista *Mercado Comum*.

Mas há ainda outro ponto importante no currículo de Oliveira: formado em Letras e Pedagogia, o presidente da *Credivertentes* acredita que além de oferecer oportunidades, a cooperativa precisa estreitar laços, conhecer e ensinar aos associados ao mesmo tempo em que também aprende sobre eles numa realidade que, sabe bem, pode até mudar de forma drástica, mas por vezes parece estagnada em conceitos antigos e enraizados. “Ouvia-se – muito e à larga – expressões como ‘a região é pobre’, ‘não temos bons governos’, ‘o governo não ajuda’ e tantos outros fatalismos”, conta.

Sem negligenciar a importância do Poder Público, mas deixando clara a força essencial das boas iniciativas, do empreendedorismo e até da insistência, Oliveira cedeu entrevista especial à primeira edição da *Vertentes Cultural*.

Revista Vertentes Cultural – A *Credivertentes* foi constituída em 1986 e, menos de dez anos depois, já havia se expandido de São Tiago para outras 14 localidades. Como explicar esse crescimento?

João Oliveira – A expansão da *Credi* foi uma consequência natural do projeto e da filosofia cooperativista – profundamente humanista, solidária, social – de se aliar/integrar o crédito e a poupança

do meio, ainda que parca, ao desenvolvimento local sustentado.

Ou seja: o autofinanciamento, a autogeração de recursos e sua disponibilização para o empreendedorismo. A poupança local reunida, depositada na *Cooperativa*, torna-se distributiva, financiadora do progresso comunitário. É “o tostão que faz o milhão”.

Além disso, a inexistência de agências bancárias em muitas localidades também contribuiu para a nossa presença ou para ali sermos demandados. Os bancos convencionais, sejam eles privados ou oficiais, buscam prioritariamente lucros. Dai não se instalam agências em cidades pequenas. Quando o faziam, geralmente fechavam as portas abruptamente, alegando inviabilidade e deixando a população sem acesso ao sistema creditício, financeiro e mesmo monetário. Tinha-se que guardar o dinheiro sob o colchão...

Não bastam produção e capacitação pessoal-profissional. Temos carências de infraestruturas em muitas de nossas comunidades

Revista Vertentes Cultural – Além dos produtores rurais, atuantes em outros segmentos também são bem-vindos e fazem parte da cooperativa. O que significa essa abertura?

João Oliveira – O fim da segmentação, permitido pela resolução nº 3106/2003 do Conselho Monetário Nacional, foi sem dúvida uma grande conquista do sistema cooperativista de crédito. Uma espécie de alforria,

mesmo que tardia, universalizando o atendimento a outros ramos e setores produtivos da sociedade.

Tratava-se de velha reivindicação nossa e que gerava perplexidade. Não fazia sentido poder atender o produtor rural, mas não associar um artesão, um pequeno industrial ou o cidadão comum. Era na verdade uma discriminação sem limites, inconstitucional e abominável...

A livre admissão abriu espaço para cumprirmos um dos maiores princípios do Cooperativismo:



João Oliveira:
história que se
mistura à da Credi-
vertentes

emprestar atenção máxima à dignificação humana e, por extensão, ao desenvolvimento social, econômico e cultural da comunidade que, agora, conta com qualquer empreendedor, de qualquer segmento profissional, como apto a movimentar e operar conosco.

Revista Vertentes Cultural – *Uma das características de maior destaque no Campo das Vertentes é o fato de que todas as cidades têm potencial comercial e turístico muito aguçado. Curiosamente, esses fatores de destaque se complementam e até a proximidade entre municípios permite fortalecer e favorecer a macrorregião. Essa facilidade de integração é benéfica ou um dos grandes desafios para o Sicoob local?*

João Oliveira – O Campos das Vertentes detém vasto potencial econômico, comercial, e turístico embasado fundamentalmente em suas largas raízes históricas e no lastro de seus valiosos recursos naturais. Além disso, estamos interconectados a rodovias estratégicas que nos aproximam de grandes centros e cidades de médio porte. Com isso a região se torna, a médio e longo prazos, uma abastecedora essencial, em especial de alimentos, desses núcleos populacionais..

Cabe a nós, da cooperativa, em prestarmos total ênfase no resgate de nossos valores gastronômicos, artesanais, agroindustriais, casei-

ros, mineralógicos e tantos outros. Tudo isso apoiando firmemente as ações creditícias, negociais e empreendedoras locais, além de contar com parcerias importantes como Sebrae, Epamig, IEF, Senar, Emater, associações comerciais, sindicatos e prefeituras. É assim que vamos engrandecer e fortalecer a cidadania, evitar o êxodo interiorano, atrair o turismo, capacitar o empreendedor, conceder autossustentabilidade e vitalidade às nossas comunidades.

Revista Vertentes Cultural – *Atualmente, fala-se em estruturas para o Turismo Rural na região, isto é, no destaque a produtos e serviços agropecuários do Campo das Vertentes como atrativos para os visitantes. Como a cooperativa percebe essa possibilidade, já que lida diretamente com esse público? Seria o ponto alto na história de integração e aprimoramento do trabalho dos produtores locais?*

João Oliveira – Entendemos que o turismo é um dos setores econômicos que mais crescem no mundo e, no nosso caso, um dos polos a serem crescentemente aprimorados, senão recriados e profissionalizados. Temos estimulado a redescoberta e o reconhecimento de nossas tradições, como a culinária em São Tiago, o artesanato de tear em Resende Costa, de pedra gnaisse em Coroas, de couro em Dores de Campos, hortifrutigrangeiros em Bar-

bacena, cereais em Madre de Deus de Minas, etc. Há ainda o apoio às agroindústrias caseiras, envolvendo não só o conceito do crédito, mas promovendo todo tipo de qualificação e ações de investimentos diretos em volumes, hoje, de considerável porte.

Mas não bastam produção e capacitação pessoal-profissional. Temos carências de infraestruturas em muitas de nossas comunidades, incluindo desde restaurantes e pousadas a demarcações para a prática de camping e assemelhados. Há muito o que se fazer e, nesse caso, grande parte depende da ação do Poder Público.

Revista Vertentes Cultural – *Em 1997 entrou em circulação um jornal para os associados da Credivertentes, que também foi atuante no apoio à criação de uma rádio comunitária. Atualmente, a página virtual da cooperativa também funciona como canal de comunicação com notícias que fogem ao mercado e focam também cultura, desenvolvimento e a própria população. Agora, surge a revista. É uma forma de consolidar ainda mais esse viés informativo? O que se espera desse novo canal?*

João Oliveira – Buscamos sempre manter interatividade, estreitar relações entre a instituição e seu corpo social. Aliás, fazem parte da filosofia cooperativista transparência, lealdade e mutualidade. Ao lado do jornal direcionado aos cooperados e do site que hoje atinge milhares de acessos, criamos edições em revistas para comemorar 20 e 25 anos da Cooperativa, ambas com vasta repercussão.

Entendemos então que havia carência regional de um veículo informativo-cultural de porte, imagem e conteúdo mais “portentoso” e audacioso. Era preciso divulgar nossa cultura, nosso desenvolvimento, nossos valores e o próprio “Homem das Vertentes”. Somos gratos ao valoroso quadro de cooperados que, na Assembleia Geral de março, aprovou a edição da revista e autorizou os recursos necessários.



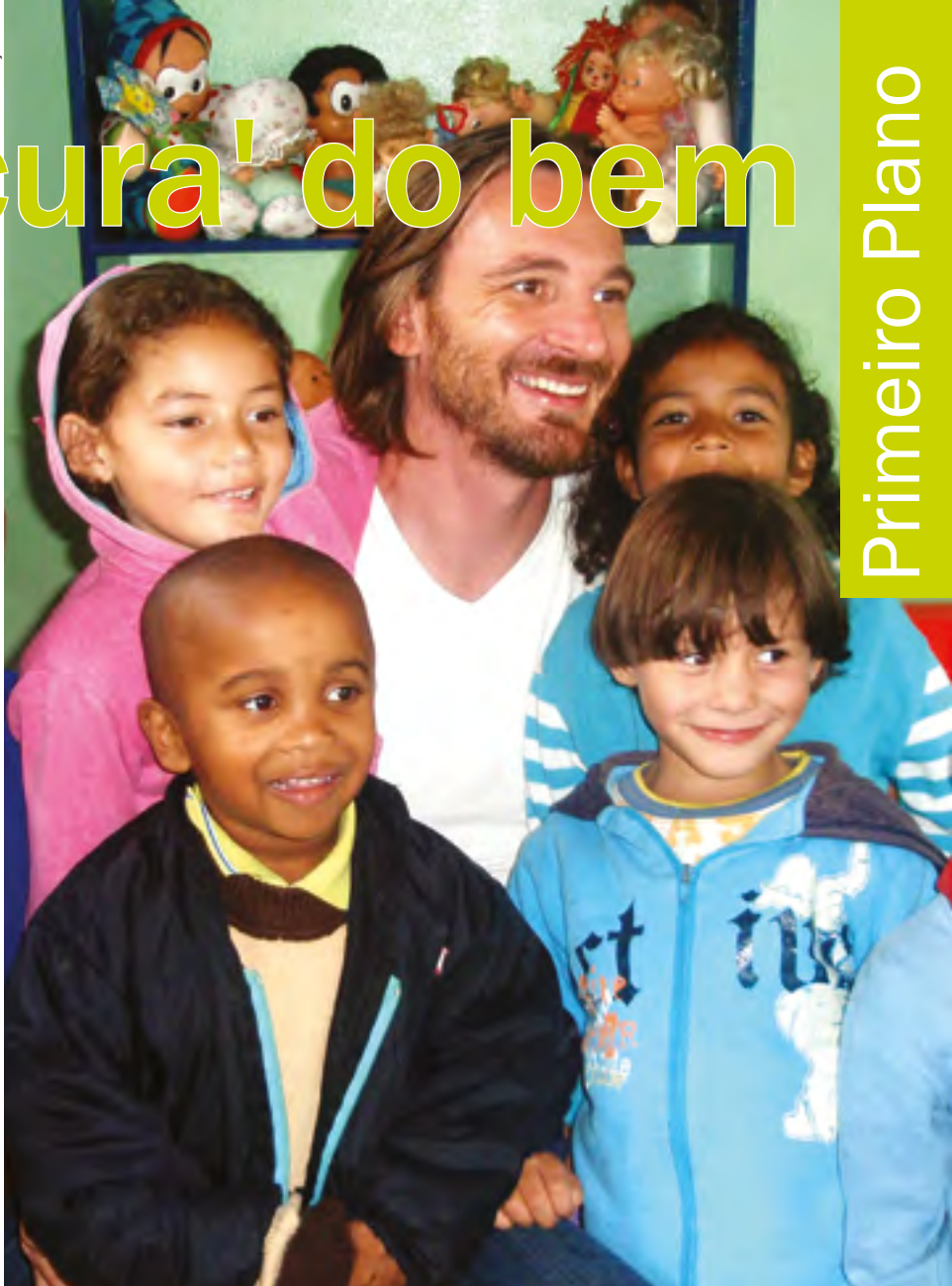
A 'loucura' do bem

Em Barbacena, sob as bênçãos de São Miguel Arcanjo, entidade faz e multiplica milagres sociais

Marco Roberto Bertoli recebeu a reportagem em uma sala com duas grandes janelas, paredes alaranjadas e móveis de madeira tomados por papéis e porta-retratos. Nas imagens, um herói da I Guerra Mundial, os pais e uma foto em preto e branco com o filho no colo. O biólogo, de 6 anos, que cresceu junto a outros 430 irmãozinhos ideológicos – com idade entre 3 e 18 anos –, “frutos” da fé e do amor do pai às causas sociais.

Bertoli é o fundador da Sociedade São Miguel Arcanjo, que há cerca de 13 anos atende crianças e adolescentes de Barbacena oferecendo abrigo; educação infantil, fundamental e profissionalizante; e formação social e humanitária.

Isso sem falar em atendimento médico e odontológico gratuitos em uma fazenda de 320 hectares comprada no início dos anos 2000 e transformada em entidade com 11 mil m² edificadas. “É o lugar que mais amo no mundo. Sei que sou criança ainda, mas posso dizer que a minha vida mudou todinha. Aqui é o paraíso”, descreve o pequeno Higor



Bertoli e as crianças: 430 pequeninos com apoio educacional, médico e social gratuito

Gonçalves, de 7 anos.

Mas, bem como o próprio Éden, construir o espaço não foi fácil. Neste caso, demorou bem mais do que sete dias com o trabalho e o suor de Bertoli, além de seus apoiadores. Homens e mulheres comuns que, com persistência, transformaram a Sociedade São Miguel Arcanjo em um milagre moderno da “multiplicação”. Desta vez de recursos, materiais e sonhos.

O PODER DA TRANSFORMAÇÃO

Na entidade, tudo (dos prédios ao mobiliário) foi construído

com recursos doados que, pequenos perto da vontade de Bertoli e das necessidades das pessoas que encontrava, foram convertidos em técnicas de ensino e geração de materiais próprios. “Quando começamos, compramos apenas areia, brita e um pouco de cimento. O resto fizemos aqui”, diz o italiano radicado no Brasil para uma equipe boquiaberta.

Mas essa é apenas uma parte, pequena, de uma longa história de sonhos, boa vontade, cooperação, persistência e “loucura. Muita loucura”, completa.

“Loucura” que é contagiosa e

conta com parceiros. O *Sicoob Creditantes* em Barbacena financiou a compra de búfalos para serem criados no local e produzirem leite que, além do consumo interno, é revendido na cidade. Rera renda extra para a São Miguel Arcanjo. “É impossível conhecer esse projeto e não querer fazer parte dele. Temos ideias para dar força à instituição e ampliar os benefícios que ela traz à cidade”, diz o gerente da agência, Aloízio Andretto.

A SOCIEDADE

“Parceria”, aliás, é uma das palavras-chave no trabalho da São Miguel Arcanjo. A iniciativa privada, por exemplo, garante fatia dos subsídios que mantêm os portões da Sociedade abertos, além de impulsionar projetos educacionais como a manutenção de músicos da Bituca, também de Barbacena, como tutores de iniciação musical na entidade.

No entanto, é aos voluntários que Bertoli credita a construção dos pilares da Miguel Arcanjo. Literalmente. E faz questão de frisar, a ponto de raramente falar na primeira pessoa. Na conversa com a reportagem, o italiano pouco usa o “eu”. Se refere sempre a “nós”. “Não adianta falar de mim, da minha história mirabolante (*risos*). Não fiz nada sozinho. Primeiro porque Deus esteve comigo o tempo todo. Depois, porque Ele tocou o coração de pessoas que vestiram a camisa e passaram a fazer parte do projeto”, diz.

COLABORADORES

Atualmente, a Sociedade conta com cem funcionários fixos, além de pelo menos 600 voluntários, entre educadores, secretários, assistentes sociais e pedagógicos e serviços gerais. Nessa lista também entram médicos e dentistas que atendem meninos e meninas em ambulatórios da própria São Miguel Arcanjo. Matemática e proporções institucionais que o próprio Bertoli prefere não men-

surar. “Ninguém imaginava que fôssemos chegar a tanto. Nem eu mesmo. Por isso digo que para se manter uma instituição social é necessário ter criatividade, loucura e fé. Muita fé. É ela e a convivência com essas crianças que nos mantêm firmes”, garante com um sorriso no rosto. Algo que ele diz ser inseparável, mesmo nos momentos de crise.

PERCALÇOS

Quando perguntado sobre os maiores desafios da entidade, o idealizador da Sociedade São Miguel Arcanjo suspira pesado. “Tudo é desafiador aqui, todos os dias. Mas faz parte do caminho que trilhamos”, garante.

Financeiramente, a entidade conta com subsídios vindos de obras sociais da Itália, doações de empresas e da comunidade, além de investimentos do próprio Bertoli angariados em trabalhos externos. No início, a verba europeia era maior, mas a recessão econômica fez com que os repasses caíssem. “Não digo que não fiquei balanceado. Fiquei sim. Mas não desanimei. Acredito que as respostas vêm no momento certo e as soluções também”, explica.

E completa: “Estamos lidando com vidas e precisamos de equilíbrio. Às vezes a questão não é lógica. É preciso rezar, confiar, não deixar o desespero cegar e acreditar que mesmo no momento da queda vai haver um colchão para nos segurar. Acredito sempre no seguinte: essa obra não é minha e não sou nada. Mas estou a serviço de algo maior”, diz.



Entidade foi erguida em terreno comprado com doações. Hoje, estrutura tem 11 mil m² construídos



As crianças

MARIANE FONSECA



Infância, sorrisos e futuro: “Esses meninos e meninas não precisam só de teto, alimentação, educação. Eles precisam de sonhos”, diz Bertoli

SEXTA-FEIRA, 11 de outubro, véspera do Dia das Crianças - Enquanto esperavam em fila os mimos que as professoras do Instituto São Miguel Arcanjo haviam preparado, meninos e meninas assistidos pela entidade bateram papo com a reportagem. Papo de gente grande, aliás, que já sabe o que quer ser quando crescer. “Policial”, “jogador de futebol”, “enfermeira”, “veterinária” e até “astronauta”.

Mas apesar dos rumos profissionais diferentes, algo os une: a vontade de exercer uma segunda função por amor ao próximo e ao passado bom. Todos querem voltar à São Miguel. “Na verdade eu não queria sair daqui nunca, mas um dia vou ser adulto. Aí vai ser minha vez de ensinar alguma coisa pras outras crianças”, garante João Pedro Brás, de 7 anos, enquanto espera o ônibus que o levará para casa.

Ele é uma das crianças beneficiadas através do sistema de semi-internato: ou seja, permanece na instituição ao longo do dia e retorna para casa no início da noite. Mas há outras formas de recepção no instituto, que também funciona como internato (a criança reside integralmente no local) e abrigo (em que o assistido permanece na São Miguel cinco dias, voltando ao convívio familiar nos finais de semana). “Tudo depende dos motivos que trazem esses meninos até aqui. Temos histórias de dor, sofrimento, abusos, perdas, abandono. Cargas pesadíssimas que essas crianças carregam com muito mais valentia do que nós, mas esmagam sonhos”, comenta Bertoli.

Esse é o único momento da entrevista em que o italiano parece entristecer, talvez relembando histórias de quem vivia em situação de vulnerabilidade e, em alguns casos, chegou à Sociedade com intervenção da Justiça. “Esses pequenos precisam de sonhos. Nós, adultos, perdemos tantos ao longo da vida e é tão doloroso... Imagine então para um garotinho de 3 anos”.

Ao ser informado sobre a pretensão das crianças que entrevistamos - de voltarem para o instituto como agentes do trabalho social - Bertoli sorri de novo. “Nada me deixa mais feliz. Vejo nesses meninos a continuação dessa história e, ao mesmo tempo, a confirmação de que estamos cumprindo nossa missão, devolvendo possibilidades a cada um”, diz o italiano.

Tudo isso é feito através de ações pedagógicas e sociais incluindo educação escolar; ensino esportivo com modalidades variadas - até esgrima!; estrutura profissionalizante para os maiores que aprendem, por exemplo, panificação e confeitaria italiana; e desenvolvimento humanitário. No instituto, as crianças são incentivadas a produzir os próprios brinquedos, todos incorporando disciplinas escolares e valores sociais.

A odisseia.

De fé

Nada na sede da Sociedade São Miguel Arcanjo foge ao “surpreendente”. Do espaço em si à recepção das crianças; da descrição do trabalho à existência de uma igreja replicada. Sim, dentro do instituto, um pequeno templo erguido com 200 caminhões de pedras lapidadas reproduz espaço sagrado com mais de dez séculos na Itália. Uma cópia fiel construída em quase cinco anos com material e mão de obra próprios, resultados de um curso gratuito oferecido dentro da entidade.

Mas o inusitado já existia antes, bem antes. A história da Miguel Arcanjo é, de fato, uma odisseia inacreditável de predestinação, coincidências e teimosia. Marco Bertoli cresceu em uma família ligada a padres missionários e ouvia deles histórias de sofrimento envolvendo brasileiros. “Nunca tive a visão de um país de mulatas, Carnaval e futebol. Conheci o Brasil de uma forma mais profunda e decidi que era aqui que eu devia cumprir minha missão”, relembra.

Bertoli, aliás, não esconde que nasceu e foi criado com conforto e chegou, inclusive, a assumir a empresa do pai, diagnosticado com câncer. “Mas meu chamado era muito forte. Eu precisava vir. E o fiz, aos 21 anos”. Era início dos anos 90 e o italiano desembarcou no Norte e no Nordeste do país, onde atuou em obras sociais. Dois anos depois, o jovem alto, barbudo e de cabelos loiros compridos decidiu que era a hora de criar a própria fundação.

Como chegou a Minas? Através de uma coincidência. Certa vez, viajando em uma jornada de três dias e meio, o ônibus que transportava Bertoli quebrou. Eram 5h da manhã. “Desci do veículo e vi montanhas lindas que me lembravam a Toscana. Estávamos em Minas Gerais. Era ali que eu devia ficar”, conta o fundador da São Miguel Arcanjo.

Por meses, Bertoli percorreu Belo Horizonte pedindo ajuda e doações: queria inaugurar um abrigo para crianças abandonadas. “Quase ninguém me dava ouvidos”, lembra. Mas no dia do embarque de volta ao Nordeste, nova coincidência. Encantado com a história, o proprietário da hospedagem em que Bertoli estava se prontificou a ajudar e levar o jovem idealista a uma reunião com representantes do Governo do Estado.

Deu certo. No encontro, o italiano recebeu a proposta de instalar a entidade em um prédio desativado da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem), em Antônio Carlos. No documento, porém, havia um erro. “Estava escrito ‘Barbacena’. Foi um choque. Era aquele o nome da cidade que aparecia nos meus sonhos há um tempo”, conta Bertoli, que encarou o desliz como um sinal e levou os planos adiante. Com o prédio doado, começou a trabalhar em Antônio Carlos no ano de 1998. No primeiro mês, havia 34 crian-



Fé: “Essa obra não é minha e não sou nada. Mas estou a serviço de algo maior”, argumenta Bertoli. Na imagem, quadro pintado por ele, inspirado na própria crença. Os rostos nas extremidades da cruz, segundo o italiano, representam o bem e o mal

ças. Logo depois, havia 70. E tão crescente quanto o número de beneficiados era o medo. “Como era um ambiente doado, eu tinha receio de perder o espaço a qualquer momento. Também havia o preconceito: as pessoas acreditavam que o que eu fazia era a continuação da Febem. Eu precisava mudar de ares”.

O receio serviu de impulso e levou Bertoli de volta à Itália, onde iniciou campanha para angariar fundos e comprar uma fazenda em Barbacena. “Não foi fácil. Mas em 2001 começamos a construir com métodos de engenharia adaptados. Em cinco meses já tínhamos tudo pronto”. O resto é história. “De luta do bem contra o mal. Todos nós batalhamos contra ele para devolver o melhor a essas crianças. Não é à toa que São Miguel Arcanjo, que se rebelou contra o demônio e protege os fracos, é nosso guia”.



ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA

Das redes sociais para as redes de desenvolvimento conjunto

Um banco mantido com doações de cidadãos comuns, verbas cedidas por programas governamentais ou renda acumulada com lucros de mercados comunitários. Uma instituição pública, não vinculada ao Banco Central, mas concedente de crédito a juros quase zero para pessoas e até associações inteiras em situação de vulnerabilidade social. “São indivíduos que talvez nunca abriram uma conta, nunca tiveram condições de desenvolver o próprio trabalho e, em alguns casos, uniram forças para tentar se manter. Estamos de olho nesses grupos e eles serão o foco central dessa iniciativa”, explicou o economista e membro da Secretaria Municipal de Governo em São João del-Rei, Roberto Lira.

É ele quem está à frente da recém-criada Política Municipal de Fomento à Economia Popular Solidária, aprovada pelo Legislativo local no início de agosto. E com causa: Lira é militante dessa perspectiva há mais de dez anos e lecionou disciplina sobre o assunto na UFSJ.

Agora, com diretrizes aceitas pela administração pública, vai coordenar a formação de um conselho gestor para a pasta. O processo vai culminar na abertura do Banco Comunitário de Desenvolvimento (BCD) previsto para começar a funcionar no primeiro semestre de 2014, integrando rede solidária nacional com mais de 3,4 milhões de clientes no país.

CRÉDITO PRODUTIVO

A ideia básica das economias populares solidárias é estimular produção e comércio sustentável em comunidades vulneráveis. Tudo isso através de iniciativas de fomento, qualificação e investimento direto, com microcrédito. Cada célula de BCD conta com cartela específica de possibilidades e serviços, incluindo uma moeda própria criada para uso exclusivo em negociações locais.

No caso de São João del-Rei, a meta, por enquanto, é incentivar prioritariamente associações ou pequenos grupos organizados com viés comercial, incluindo desde pequenos produtores rurais familiares a artesãos. Muito embora grupos de outros setores e mesmo interessados individuais também possam ser beneficiados. “Haverá um processo, chamado de encubação, em que observaremos esses coletivos, diagnosticaremos demandas e traçaremos nossos planos de atendimento. Queremos ajudar associações, fortalecer pequenas empresas recuperadas, mas também abriremos espaço para produtores avulsos”, explica Lira. E completa: “O que queremos mostrar é que não há economia formal e informal. O que há é economia como um todo”.

Os recursos iniciais do BCD são-joanense virão de repasses da Secretaria Nacional de Economia Solidária – vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego – e do Tesouro Municipal.





DEMANDAS

Norteadas por qualificação, aprimoramento e injeção financeira, a economia solidária tem como extensão a geração de empregos – e, portanto, o aprimoramento do poder de compra – no cenário em que se insere.

A implantação do sistema em São João del-Rei é pertinente. Em janeiro deste ano a cidade amargou o corte de 115 postos de trabalho formais. Em outras palavras, o município registrou 625 desligamentos enquanto houve 510 contratações com carteira assinada. O número foi o mesmo registrado no mesmo período em 2009, no ápice da crise econômica mundial.

Isso significa que, em janeiro, sete pontos de atuação deixaram de existir todos os dias em diferentes setores. Se os trabalhadores passaram a atuar na informalidade, mudaram de atividade ou permaneceram desempregados, não se sabe. Porém, o quadro continua significando um aspecto perturbador na economia local, podendo ser reversível no incentivo, por exemplo, às atuações autônomas, algo que por aqui é frutífero, literalmente, no setor rural.

Essa fatia de mercado, aliás, tem organização sólida. No início de 2014, produtores de Tiradentes que já contavam com o Selo de Inspeção Municipal (SIM), passarão a contar com o Sistema Estadual de Inspeção

(Sisei), permitindo que produtos locais sejam comercializados em todo o Estado.

As propostas da Economia Popular Solidária podem ampliar o número de participantes desse mercado. “Temos uma gama enorme de possibilidades que podem ser desenvolvidas com o devido apoio. Muita gente pode transformar talentos e ideias envolvendo produtos ‘da roça’ em formas de renda. É uma iniciativa fantástica”, elogiou o presidente da Associação Regional de Produtores do Campo das Vertentes (ARPA) e representante da Secretaria de Planejamento do Estado (Seplag), Marcos Fróis.

ESPERANÇA

Há ainda atuantes em outras áreas demonstrando otimismo com a criação do BCD. É o caso dos integrantes da Associação dos Catadores de Material Reciclável (Ascás). Projeto de extensão da UFSJ, o grupo conta com 18 pessoas recolhendo até 40 toneladas de lixo reaproveitável na cidade. Cada uma recebendo um salário por mês. “É pouco. Tiramos uma parte pro nosso sustento em casa e, com o que resta, pagamos a manutenção dos nossos equipamentos. Hoje, aliás, eles precisam ser reforçados. Mas não temos condições de buscar empréstimos para comprar o que nos falta. Esse banco comunitário poderia nos ajudar muito. Toma-

ra que seja criado logo”, espera a vice-presidente da Ascás.

ORIGENS

Historicamente, as raízes da economia solidária brotaram de forma simultânea ao cooperativismo, na Revolução Industrial, quando artesãos expulsos de fábricas foram substituídos por máquinas de tear e criaram as primeiras Uniãoes de Ofícios. O sistema de produção, o comércio e o consumo eram orientados de forma solidária. Mas há, também, registros culturais mais antigos, de povos e tribos na Ásia e na África convivendo e realizando trocas dentro de sistema similar.

O terno em si, porém, só foi cunhado no século XX. E o desenvolvimento efetivo, com vertente político-social, só se deu no final dele.

No Brasil, por exemplo, o primeiro Banco Comunitário de Desenvolvimento surgiu em 1998, na periferia de Fortaleza. Em Minas Gerais, iniciativas semelhantes só tomaram corpo seis anos depois, em 2004, com a criação da Política Estadual de Fomento à Economia Solidária.

A expansão, porém, foi rápida. De acordo com dados da Secretaria Nacional de Economia Solidária, no final de 2012 o Brasil somava 81 agências solidárias. Em março deste ano esse número já havia subido para 103 em 19 estados.



Fora do eixo, dentro da cultura

Iniciativas democratizam acesso à arte e à informação de forma alternativa – e criativa!

SÃO JOÃO DEL-REI, abril de 2013 – Na maratona de espetáculos em comemoração aos 15 anos do grupo teatral ManiCômicos, a dona-de-casa Maria Aparecida Eustáquio foi destaque em uma das sessões de *Borgobandoballo*. Sem subir ao palco. “É a primeira vez que consigo vir ao teatro. Durante muitos anos não tive dinheiro. Depois sentia vergonha. Achava que era coisa de elite. Nada pra mim”, explicou.

Aos 54 anos, Maria Aparecida deixou os medos na escadaria do teatro, escolheu uma cadeira no fundo do auditório e se entregou à magia das artes cênicas enquanto ria sem censura da peça, em alto e bom som.

Quando a trupe encerrou a apresentação, foi a primeira a se levantar com vigor e aplaudir o grupo em campanha de popularização do teatro que lotou o Municipal. Além de palmas, assobios, cumprimentos nos bastidores e boas avaliações da crítica especializada, reações como a de Maria Aparecida são resultados mais do

que positivos para quem trabalha “fora do eixo”.

Dos holofotes, centros de investimentos culturais e grandes mídias para as ações alternativas. Da restrição à democratização. A “estreia” da dona-de-casa no teatro é o símbolo máximo do trabalho de iniciativas como a do ManiCômicos e do Coletivo Sem Eira Nem Beira, que escondem nos bastidores do sucesso e das grandes repercussões as dificuldades na busca por uma personagem essencial desse enredo: o apoio.

ELLES VESTIRAM A CAMISA (DE FORÇA)

“Não foi a coisa mais sã que

fizemos na vida (*risos*). Tenho que concordar que não parece nada normal toda essa trajetória. Mas valeu a pena”, comenta o diretor artístico da Cia. Teatral ManiCômicos, Juliano Pereira, ao relembrar as viagens entre São Paulo e Minas Gerais em uma Kombi, além de palcos tão inusitados quanto a sala de um apartamento em Sete Lagoas antes de trazer trupe e projeto social para São João del-Rei.

Literalmente fora do eixo, da capital paulista para o interior mineiro, o ManiCômicos fez caminho inverso no êxodo cultural e hoje, reconhecido nacionalmente, retorna aos centros esporadicamente se apresentando inclusive em festivais internacionais.

MANICÔMICOS/DIVULGAÇÃO



Grupo democratiza e ensina artes cênicas. Com 14 peças no currículo, o ManiCômicos chegou a ser assistido por 20 mil espectadores em uma única temporada



NÚMEROS

Se a ideia por trás do grupo foi insana ou não, nenhuma análise clínica foi capaz de comprovar. Mas os resultados práticos, na comunidade, são visíveis. Matemáticos até. Desde que chegou ao Campo das Vertentes, em 2005, a Cia. Teatral ManiCômicos abriu cortinas para 14 peças, deu corpo a personagens através de 40 atores profissionais e foi assistida por até 20 mil pessoas em uma temporada.

No projeto *Arte Por Toda Parte*, duas mil crianças e adolescentes receberam aulas gratuitas de teatro em 12 municípios da região só no ano passado – em Lagoa Dourada, atualmente, 30 oficinas estão ativas diariamente. Isso sem contar os *workshops* e cursos ministrados no Centro Cultural do grupo. A maioria gratuitamente. Como se mantêm? “Com doações, subsídios, vendas de produtos da trupe e muita garra. A gente realmente rala aqui, todos os dias, pra fazer dar certo. Se amanhã abriremos as portas, não sei. Mas hoje batalhamos com 40 pessoas e empurramos a carruagem com as parcerias que temos”, comenta Pereira.

Uma delas é com o próprio *Sicob*, em São Tiago, onde 50 crianças e adolescentes são assistidas com cursos de arte. É uma das

exceções seguras. “Não é tão fácil ter apoio. Há uma inversão muito grande de valores. Os municípios preferem investir R\$400 mil em uma festa específica a redirecionar esse valor para cem iniciativas de R\$4 mil que dão muito certo. Ou pelo menos parte dele”, lamentou o diretor artístico, que já amargou ameaça de suspensão do *Arte Por Toda Parte* em 2009, em São João del-Rei, por decisões políticas, além de conflitos com vereadores – contornados com a presença de pais revoltados no plenário.

Há ainda questões de mercado: beneficiado por leis de incentivo à cultura, o ManiCômicos encontra dificuldades em captar recursos junto às empresas locais. “Não é fácil. Mas há uma vontade absurda de trabalhar e respostas bonitas da comunidade. Existem barreiras ainda. Inclusive essa distinção entre ‘dentro’ e ‘fora dos centros’. Precisamos chegar ao ponto em que tudo será central, apesar das particularidades. Esse país é muito grande. Tem embriões demais pra muita coisa nascer”, encerra, indo ao encontro da perspectiva de outro grupo que, distate do eixo, sem eira nem beira, luta exatamente por isso.

COLETIVO SEM EIRA NEM BEIRA/DIVULGAÇÃO



No Sofá na Rua, um móvel emprestado se transformou em palco ao ar livre. Público avaliou apresentações artísticas e, com cachês alternativos, fomentou mais ações culturais

PROTESTOS/JDR – COBERTURA/DIVULGAÇÃO



Protestos foram marcados por grandes mobilizações e novas formas de divulgação. A cobertura fotográfica e textual foi feita de forma colaborativa, gratuita e em tempo real

SEM EIRA, NEM BEIRA...

Mobilizações via internet já não eram surpreendentes quando os primeiros protestos nacionais eclodiram em São Paulo, em junho de 2013. Combinar a revolução em páginas do Facebook já funcionava desde a Revolução Egípcia de 2011, que terminou com o então presidente Hosni Mubarak deposto.

Mas transmitir protestos e confrontos, em tempo real, além de compartilhar informações de forma colaborativa, foi um trunfo tupiniquim. Na onda revolucionária que começou motivada por reajustes no transporte público paulista e alcançou todos os seto-



res da sociedade pouco depois, o conceito de “imprensa” foi transformado definitivamente. Foi nesse cenário que Mídia Ninja (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação) e Fora do Eixo se transformaram em grupos conhecidos nacionalmente.

SÃO JOÃO DEL-REI

Controvérsias à parte, as duas redes chegaram ao interior mineiro. Ainda em junho, durante marcha com mais de 5 mil pessoas pelas ruas de São João del-Rei, jornalistas de todo o Estado e mais de 4 mil internautas acompanharam o evento em cobertura colaborativa via internet. Era uma das realizações do Coletivo Sem Eira Nem Beira, que meses antes havia assinado intervenções surpreendentes na mesma cidade.

Quem não se lembra de monumentos com pequenos corações no município, de um mural de fotografias pessoais no Largo São Francisco e de apresentações musicais feitas... em um sofá no meio da rua?

Ligado ao já unânime – quem não conhece? – Fora do Eixo nacional, o Coletivo Sem Eira Nem Beira surgiu em 2011 e representa exatamente o que o nome propõe: uma iniciativa sem delimitações. Da quantidade de membros – oscilando entre 20 e 30 – à agenda de realizações para o resto do ano, a equipe se diz indeterminada em certos pontos. “É complicado perguntar o que somos. Nós mesmos não sabemos. Tudo o que queremos é promover a cultura, levá-la a todos os cantos e mostrar que é um direito de todos. Não somos afeitos a definições”, explica rindo o gestor de comunicação da equipe, André Salmerón.

Bem como no ManiCômicos, a realidade do Sem Eira Nem Beira também esbarra em dificuldades financeiras. “As pessoas aparecem como voluntárias e ajudam de alguma forma, emprestam um móvel para algum cenário, levam uma ideia, nos divulgam para

atrair pessoas”, comenta Salmerón. E dá certo.

Foi o boca-a-boca que levou o coletivo às graças dos fotógrafos Eustáquio Neves e Miguel Chikoka. A dupla acompanhou alunos da Universidade Federal de São João del-Rei em um trabalho fotográfico experimental que, mais tarde, se transformou em um livro. “Ser ‘fora do eixo’ não significa ser avesso a realizações institucionais ou com envolvimento de quem está na grande mídia, por exemplo. Nossa aposta é na tro-

ca de conhecimentos, na abertura de espaços para todo mundo. Em todas as experiências aprendemos técnicas e lições que dinheiro algum paga. Até porque não temos”, ri Salmerón.

Além do livro, o Sem Eira Nem Beira também assina documentários e vídeos idealizados pelo próprio grupo. Isso sem falar em festivais como o Miralonge – que em parceria com o Fora do Eixo nacional atraiu quase mil pessoas –, exposições e um cineclube itinerante.

MAS AFINAL, O QUE É UM COLETIVO?

Você se lembra do Orkut e das comunidades que reuniam pessoas com interesses em comum – valendo desde simpatia partidária até a predileção por macarrão instantâneo?

Um coletivo pode ser sintetizado dessa forma, mas acrescentando à ideia a militância e a prática. De realizações simbólicas e interativas nas ruas até novas práticas jornalísticas, os coletivos se caracterizam por trabalho temático, sem fins lucrativos e, acima de tudo, colaborativo.

No Brasil, o Fora do Eixo é o exemplo mais recorrente, iniciado em 2001, em Cuiabá. Daí o nome, já que tem origem fora do circuito entre São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2005, começou a se transformar em uma rede de grupos promotores de cultura alternativa – mais coletivos!. Aos poucos, abriu casas para recepção de simpatizantes em todo o país, além de promover festivais.

O Fora do Eixo ganhou projeção nacional após visibilidade na cobertura da onda de protestos em junho deste ano. Com os holofotes, vieram também denúncias de ex-membros da cúpula e críticas contra os idealizadores. As discussões ainda correm na web.

Você pode encontrar o ManiCômicos se apresentando na rua e membros do Coletivo Sem Eira Nem Beira fotografando o grupo em alguma intervenção. Que tal? Mas para quem não pretende esperar o acaso, quer buscar, compartilhar e curtir outras informações em bytes, as duas equipes contam com páginas na web e em redes sociais:

ManiCômicos



www.facebook.com/CiaTeatralManiComicos



www.manicomicos.com.br

Coletivo Sem Eira Nem Beira



www.facebook.com/semiranembeira



www.semeiranembeira.wix.com

A história além da História

Parte do que você sabe sobre São João del-Rei e região pode ser, acredite, bastante equivocado



Em junho de 1824, Johann Moritz Rugendas reproduziu em desenho vista parcial de São João del-Rei

Esta não é uma matéria comum. É um convite de visita ao passado. Ou melhor: de (RE)visita ao passado. O que você sabe sobre o Campo das Vertentes, berço da Inconfidência? O que aprendeu, no Ensino Fundamental, sobre a economia mineira séculos atrás? “Esta região viveu intensamente capítulos importantes da história. A Guerra dos Emboabas aconteceu aqui. Tiradentes e Bárbara Heliodora nasceram aqui. Uma das maiores revoltas de escravos de todo o período imperial também se deu nesta região. E essa efervescência se explica pelo fato de que um forte núcleo comercial e político se instaurou com impulso no território são-joanense. Esses contextos são indispensáveis para compreender inclusive o ponto em que estamos hoje”, explica o historiador, professor-doutor da

Universidade Federal de São João del-Rei e membro-diretor da Associação Brasileira de História Econômica, Afonso de Alencastro.

A partir daqui e através de uma entrevista com ele, os textos dos livros didáticos ganham adendos que, na maior parte, foram descobertos a partir de pesquisas na década de 80. Algo considerado recente no contexto de documentos que, no caso da trajetória regional, remontam a 300 anos.

Essa é, para Alencastro, uma das características mais fascinantes da História. “Alguns a ensinam como se fosse engessada, uma verdade absoluta incontestável. Mas a verdade: o que nos ensinam é um recorte, uma narrativa específica que pode ser reconstruída a cada novo arquivo aberto”, diz.

Colapso e miséria com a crise na mineração? Bordado e tear

como atividade caseira de mulheres da elite e escravas? Não foi bem assim.

A COMARCA

Brasil Colonial, Início do século XVIII. Na Capitania de São Paulo e Minas de Ouro – mais tarde separada em São Paulo e Minas Gerais –, a Vila de São João del-Rei se transforma em sede da Comarca do Rio das Mortes. “Não se sabe quando exatamente ela foi firmada, mas o registro documental mais antigo é de 1713”, explica Alencastro em referência à jurisdição extensa que, segundo ele, contava com dez termos, incluindo São José do Rio das Mortes (atual Tiradentes), Barbacena e Baependi, além de outros territórios que a estendiam aos limites das províncias de Goiás e São Paulo, a Oeste; e Rio de Janeiro,



ao Sul, alçado a capital da colônia portuguesa em 1763.

O último, aliás, se transformou em uma das maiores praças receptoras de produtos agrícolas e pecuários da região. “Esta era uma região de ‘invernada’ para o gado, que vinha despachado para o litoral. Paulatinamente, principalmente quando a economia do Rio de Janeiro passou a ser animada pelo café, por volta de 1770, São João del-Rei se firmou como um atravessador das tropas”, aponta Alencastro. Ao mesmo tempo, um mercado de abastecimento e pequeno comércio para esses grupos também se desenvolveu e fortaleceu.

Divulgação



Cartão postal e atrativo turístico em São João del-Rei, a Maria Fumaça foi um dos principais marcos de desenvolvimento local no século XIX

ECONOMIA

E é aqui que são traçadas entrelinhas importantes nos relatos históricos tradicionais.

Comumente, quando se fala na trajetória econômica de Minas Gerais, um dos capítulos mais marcantes e explicados em salas de aula diz respeito à decadência das minas de ouro no final do século XVIII. Para os exploradores da época, era a ruína do “novo Eldorado”, o desaparecimento das jazidas abundantes e, claro, o fim de uma forma de exploração que, inclusive, foi estopim para a Guerra dos Emboabas e o povoamen-

to de espaços que mais tarde se transformariam nos municípios de São Tiago, Prados (reduto principalmente de paulistas) e Lagoa Dourada (cujo nome já diz muito sobre essa parte da história).

Para os estudantes tradicionais, esse foi um divisor de águas no passado, a queda de uma potência explorada e a corrida, de emergência, para a monocultura da cana-de-açúcar ou do café.

Há controvérsias. “Várias vezes ouvi a pergunta ‘e quando a cafeicultura se transformou em expoente por aqui?’. A resposta é: em momento algum. O que

fez a região não foi o café. Isso aconteceu na Zona da Mata. Generalizar é reduzir uma área do tamanho da França a um espaço mais de dez vezes menor”, compara o historiador.

DIVERSIDADE

Como um verdadeiro corredor mercadológico, São João del-Rei e adjacências abrigavam trajetos por onde passavam desde carne, arroz, feijão, cachaça e doces a mercadorias humanas. “O trânsito de escravos era muito forte nessa região”, explica Alencastro, lembrando que mais do que caminho estratégico para outros polos, a praça de são-joanense se destacava como chamariz comercial com mercado interno e de abastecimento externo bem estabelecido.

Com isso, São João diversificava seu potencial, algo notado e narrado pelo viajante francês Auguste de Saint-Hilaire em suas anotações naquela época. E isso se deu de tal forma que chegou a ser núcleo econômico de financiamento e crédito, ao contrário de comunidades como a atual Tiradentes e Prados, mais acanhadas e dependentes da sede da comarca.

O que não significa estagnação. Para começar, exatamente



Gravura mostra tropas nas proximidades de São João. Área era um dos polos atravessadores de mercadorias que incluíam desde cachaça a escravos



Vista parcial de São João del-Rei: com força política e econômica, município foi cogitado, no passado, como capital de Minas Gerais

em Prados, a produção de artefatos de couro foi atividade significativa abastecendo viajantes com selas, botas, arreios e cintos.

Em Resente Costa, as atividades manuais também se destacavam, mas nos teares e bordados. “Historicamente, as habilidades nesse sentido eram associadas a entretenimento das senhoras e suas escravas. No entanto, sabe-se que ali foi fonte de renda e base para uma tradição que se mantém e diferencia o município até hoje”, comentou Alencastro.

MORADORES

Segundo dados levantados pelo projeto Acervos Judiciários da Comarca do Rio das Mortes, vinculado à UFSJ, nos primeiros anos de 1800 a jurisdição “já se configurava como a mais extensa em área habitada e a mais populosa da então capitania de Minas Gerais”.

Antes de 1810, estimativas apontavam quase 155 mil habitantes na região, o que correspondia a mais de 35% do total mineiro. Desse número, 38 mil eram escravos. “Sinal absoluto de que a decadência do ouro provocou grande impacto, mas não a falência ou a miséria do lugar. Se isso aqui estivesse em declínio, não seria um dos principais destinos da mão de obra negra no início do século XIX. Aliás, no final dele, com a República, São João não seria apontada como possível capital do Estado”, argumentou o professor sobre sugestão do ex-dirigente do Banco do Brasil, engenheiro e urbanista paraense Aarão Reis, então escalado para fazer levantamentos e indicar o melhor território para alcançar esse status.

A ideia não foi acatada. Mas a rejeição como capital mineira não tirou de São João a importância salutar para a história. Aos

poucos, com o desmembramento da Comarca do Rio das Mortes e de relações distritais (São Tiago era distrito de “del-Rei” em meados dos anos 1800) as comunidades encontraram caminhos ainda mais distintos de desenvolvimento, a ponto de criar contrastes intensos.

Enquanto São João avançava, Tiradentes declinou por um longo período. “Um dos fatos interessantes sobre esta região é que embora ela tenha se desenvolvido em torno de São João e enfrentando altos e baixos, foi capaz de se reerguer e desenvolver características próprias que as diferenciam e conferem identidades muito próprias e amplas. Tiradentes pareceu fadada ao fracasso, mas redescobriu no turismo sua fonte de crescimento, invertendo o quadro e tornando-se um expoente”, explicou Alencastro antes de finalizar. “É fascinante”.



TECNOLOGIA E ARQUITETURA



Carteiro retratado por Ivan Wasth Rodrigues em 1917

O cartão postal são-joanense ajuda a explicar parte da motivação de Aarão Reis ao indicar a sede da comarca para capital do Estado com a proclamação da República. No setor estrutural e urbanista, São João del-Rei contava, no século XIX, com sedes prestando serviços que iam desde essenciais, como hospitalar e bancário, passando pelo cultural (com biblioteca e teatro) e chegando ao funerário, com um cemitério público funcionando fora do núcleo urbano. Isso sem mencionar correios e sistema de iluminação mantido a querosene.

O então conhecido “celeiro das gerais” avançou em outros campos com a instalação da Companhia Industrial São Joanense de Fiação e Tecelagem e da Estrada de Ferro Oeste de Minas, cuja estação foi descrita como uma típica representação da Belle Époque pela secretária da Associação Francesa “Avenir de la Culture” (Futuro da Cultura), Catherine Goyard, em visita a São João em 1999.

Essa é, de acordo com Alencastro, outra característica importante da cidade no final do século XIX. A Belle Époque, que marcou principalmente São Paulo e a Amazônia, as regiões mais prósperas por causa do café e do ciclo da borracha, também incidiu aqui e simbolizou parte do status local. “Tudo isso dividindo espaço, ainda, com a arquitetura colonial das igrejas”, lembrou o historiador.

Diretor Administrativo

"É preciso romper barreiras"

A postura cuidadosamente alinhada, as mãos cruzadas sobre a mesa e o olhar observador sobre as lentes do par de óculos escondem o bom humor de Jasminor Vivas. Mas só nos primeiros minutos de conversa. Basta a interação começar para que o diretor administrativo do *Sicoob Credivertentes* deixe transparecer uma de suas maiores características: o bom humor extremamente criativo que, segundo ele, é herança do avô. "Ele era o maior mentiroso de São Tiago. Inventava histórias com uma facilidade assustadora e superava qualquer um. Mesmo quando exagerava, deixava todo mundo se perguntando se havia um fundo de verdade ali", relembra, garantindo que tenta manter a tradição da anedota bem contada.

Nesta entrevista, porém, o homem à frente da diretoria administrativa há 13 anos fala muito sério sobre a realidade que o cerca dentro e fora da cooperativa. "As pessoas chegam até aqui e sempre me encontram sorrindo. Mas há uma preocupação latente por trás dessa feição", diz.

E emenda explicando o porquê: "Dividimos com 12 mil associados a responsabilidade pelos destinos econômicos deles e isso não é fácil. Sou filho, neto e bisneto de fazendeiros. Cresci vendo gente enriquecer e perder tudo rapidamente por fatalidades da vida e falta de gerenciamento. Estamos na contramão disso. E está aí o desafio de todos nós todos os dias dentro dessas salas", comenta.

Revista Vertentes Cultural – Atualmente, questões como coletividade, trabalho colaborativo e união são palavras-chaves e recorrentes. Tendência que vai desde as redes sociais às mobilizações públicas. Aqui, no Campo das Vertentes, isso

também acontece, por exemplo, no Consórcio Intermunicipal de Saúde das Vertentes (Cisver), no convênio sendo delineado para tratamento de resíduos e, claro, nas iniciativas como a Associação Regional de Produtores Associados do Campo das

Vertentes (ARPA). Todos eles ganharam força nos anos 2000. Mas a ideia de junção e cooperação já era latente na atividade do sicoob. Para vocês, que atuam com esse princípio e herdaram missão iniciada décadas atrás, no setor financeiro, quais as perspectivas para os próximos tempos? Ainda mais integração?

Jasminor Vivas – Sempre. É uma mistura de tradição e inovação, na verdade. Nos últimos 13 anos, trabalhamos direcionados principalmente à profissionalização do e à transformação de públicos e realidades.

Diretores, conselheiros e funcionários estão sempre participando de iniciativas que aprimorem as atividades da Cooperativa e os façam conhecer ainda mais o público e o cenário em que estão. Isso é essencial e o verdadeiro caminho para ampliar a credibilidade, fidelizar os associados e, consequentemente, melhorar a capacidade financeira deles.

É uma cadeia evolutiva que não para, mesmo que você olhe para a diretoria e encontre membros antigos com idade média de 70 anos (risos). Apesar disso, tentamos ser arrojados e

realmente mutantes. Prova disso é a mudança administrativa que, agora, contará com delegados.

É algo ousado, que já deu certo em outras cooperativas, mas que necessita de tempo para funcionar realmente. A ideia foi

bem aceita, gerou expectativas positivas, mas requer cuidado. Tudo requer. E é aí que novamente vem à tona a questão da qualificação: todos nós seremos preparados. Receberemos orientação e apoio técnico. Aprimorar é nossa força motriz. Não adianta espírito de liderança sem conhecimento.

Revista Vertentes Cultural – As sementes do cooperativismo foram lançadas na Revolução Industrial,

Cresci vendo gente enriquecer e perder tudo por falta de gerenciamento. Estamos na contramão disso





Vivas, a mente à frente da diretoria administrativa: "Cada associado que chega aqui traz uma vida inteira, sonhos, planos, resultados de trabalho suado".

no século XIX, mas foram renovadas de modo que continuam produzindo frutos atualmente. A que se deve essa capacidade? Por que o cooperativismo se renova e fortalece? Qual o diferencial?

Jasminor Vivas – A valorização do homem. Algo que faz parte da filosofia cooperativista e nos distancia de outras instituições financeiras, voltadas ao capital. É claro que espera-se lu-

cros e retornos, há planejamento, distribuição do que é angariado. Mas para chegarmos a isso e gerar satisfação, temos como princípio relações muito mais intensas, de realmente conhecer todas as pessoas envolvidas com o nosso trabalho. Em algumas agências bancárias há tamanho distanciamento que clientes sequer sabem o nome do gerente.

Aqui eles tomam café conosco, sabem nossa história, são até

amigos de infância. Você já se imaginou entregando suas economias para um estranho? Cada associado que chega aqui traz uma vida inteira, sonhos, planos, resultados de trabalho suado.

E cuidamos disso com familiaridade, respeitando as diferenças com transparência. É essa a explicação para o crescimento dos dois lados. Temos plena consciência e nos sustentamos no princípio de que o que realmente faz uma organização são as pessoas.

Revista Vertentes Cultural – Nada disso, porém, significa que trabalhar nesse sistema seja tarefa fácil. Quais os maiores desafios para quem atua na gestão de cooperativas de crédito?

Jasminor Vivas – Romper barreiras. Veja bem: apesar de todo o avanço na região, ainda lidamos com municípios muito baseados em certo paternalismo antigo, protecionismo e até sentimentalismo.

Não que as pessoas não tenham a cabeça aberta. Mas o próprio mercado assusta e faz com que muita gente fique acuada. No entanto, o que não se desenvolve atrofia. O que seria de mim se ficasse parado em casa, aposentado? Não dizem que as únicas coisas que gostam de velho são 'reumatismo' e 'cemitério'? (risos) Nos negócios o funcionamento é o mesmo.

São organismos também, que precisam de movimento, incentivo e apoio para ficarem grandes. Estamos aqui, aliás, para oferecer tudo isso. Mas entra aí outro desafio: o de convencer os cooperados de que não somos um 'banco', que temos filosofia diferenciada, pensamos e trabalhamos pelo coletivo, não por benefícios e privilégios individuais. Felizmente existe uma consciência ampla em torno disso, mas há detalhes que ainda precisam ficar mais claros. Daí nossa insistência em comunicação tão ampla, no preparo de todos os envolvidos em todas as ações ligadas à *Credivertentes*.

Seja bem-vindo à terra das águas e dos contrastes: os passeios são econômicos, mas as histórias são riquíssimas

ITUTI

O pescador de 72 anos que vive em uma ilha particular e sobreviveu a duas enchentes que lhe tomaram tudo. A comerciante que se recusou à quietude da aposentadoria e transformou a própria casa em uma pousada. O pedreiro apaixonado por culinária que construiu tijolo a tijolo o próprio restaurante e transformou uma receita de peixe à parmegiana no maior clássico das cozinhas de Itutinga.

Ali, histórias como essas tornam a população de quase 4 mil habitantes uma atração à parte. Tudo isso rodeada por cenários naturais ainda pouco conhecidos dos turistas que passam pelo Campo das Vertentes e chegam a

desembarcar a 22km, em Carrancas, sem saber que na cidadezinha próxima também há extensa área verde para visitação e camping, represas e cachoeiras. Algo que já está implícito no nome: "Itutinga" nada mais é que a junção dos termos *ytu* (cachoeira) e *ting* (branco), ambos de origem tupi.

O melhor de tudo isso: passar pela terra da "Cachoeira Branca" é possível com preços acessíveis incluindo hospedagem a menos de R\$100 por dia para um casal, refeições completas a R\$15 e, claro, acesso a pontos de lazer a até R\$10.

ÁGUA, MUITA ÁGUA

Samir Chamoun é o secretário

municipal de Cultura e Turismo em Itutinga. De origem libanesa, é filho de um homem que, sufocado pelas tensões do Oriente Médio, fugiu para o Brasil e encontrou no pequeno município a paz que buscava. "Só aqui ele respirou aliviado, pôde dormir sossegado, viver. E foi aqui que constituiu família. Foi aqui que eu nasci e fui criado", explica Chamoun, que cresceu herdando as mesmas impressões do pai sobre o paraíso em que vivia.

E não podia ser diferente. "A minha alegria era receber os primos em casa e trazê-los para explorar a cidade. Eu conheço cada trilha, cada árvore,





NGA

cada pedra deste lugar e criava roteiros de aventura pra gente”, conta rindo.

Dentre os locais visitados estava o Complexo do Raulino, conjunto de quedas d’água a apenas 7km da área central de Itutinga. À mesma distância fica a Cachoeira das Andorinhas, com 16 metros de altura e duas pequenas praias laterais. O local costuma ser visitado tanto por banhistas quanto por praticantes de rapel. Esportes radicais e do ecoturismo também levam visitantes à Cachoeira das Aranhas, na Serra do Pombeiro, aonde muitos preferem chegar através de uma caminhada de cinco horas com campos de altitude e vegetação

de afloramento de rocha maciça.

Todas são abertas ao público gratuitamente.

Os moradores de Itutinga, guias por natureza, também indicam o Pesqueiro, a Garganta e a Prainha. O primeiro é formado por uma pequena queda d’água que desemboca em um rio extenso e calmo rodeado por área campal. Já a Garganta é espetáculo à parte, formada por um cânion de nada menos que 40 metros de altura parcialmente inundado durante a construção da Barragem de Itutinga. Vale a visita, a vista e o registro.

Por fim, a Prainha é estrutura montada às margens da Represa de Itutinga, dentro da Vila

Residencial da Cemig. O espaço é aberto ao público de quinta a segunda-feira, de 8h às 17h. O acesso é pago: R\$4 por pessoa visitante ao longo do dia e R\$10 para quem optar por acampar no local. Algo que a pequena Ana Clara Santiago pretende fazer nas férias. “Vim com os meus avós pra nadar um pouquinho. Mas no final do ano quero retornar com meus amigos e dormir aqui”, diz a garotinha de 5 anos, moradora de Lavras.

O avô, Décio Botelho, promete pensar no assunto. “Acho importante que ela tenha contato com esses lugares tranquilos. É importante valorizar a calma”, explica o comerciante, que pas-

seou com a neta em uma segunda-feira de sol. A data, segundo ele, foi escolhida pela pouca agitação do lugar. Aos sábados e domingos a movimentação é maior, assim como em feriados específicos, como o de Carnaval.

E é essa Vertente que a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo quer explorar. “Temos em São João del-Rei e Tiradentes festividades maiores, com grande movimentação, para quem gosta da folia típica. Aqui em Itutinga oferecemos distração diferente, mais calma, com contato com a natureza. Uma localidade completa a outra”, frisa Chamoun.

HOSPEDAGEM

Segundo o secretário, apesar das opções oferecidas pelo município, o investimento no setor turístico foi baixo em Itutinga. “Daí o desconhecimento sobre o que temos aqui. Será necessário um trabalho intenso e de bons anos para mudarmos isso”, comenta.

Um passo importante foi dado: em 2013 Itutinga passou a fazer parte do Circuito Trilha dos Inconfidentes, algo que, para Chamoun, vai impulsionar o potencial atrativo do local. Há outros planos: na Pedra do Cruzeiro, ponto mais alto da área urbana, um mirante e uma área cultural podem ser construídos nos próximos anos, aproveitando área que funciona como um dos grandes chamarizes, de fácil acesso, permitindo vista panorâmica da cidadezinha.

Quem comemora as possibilidades é a empresária Júlia Maria Carvalho, dona da maior pousada de lá há seis anos. Hospitaleira como todo mineiro, Dona Júlia não quis a tranquilidade da aposentadoria após décadas atuando no comércio e decidiu abrir a própria casa para turistas. “Ampliamos aos poucos e hoje já temos 17 quartos. Em 2014 já serão 25”, calcula a simpática senhora entre um “Pega um pedaço de bolo, meu filho. Experimenta o

café” e outro.

Essa, aliás, é uma característica marcante de Dona Júlia: a preocupação, que vai desde os pães de queijo caseiros, servidos à mesa diariamente, até a apresentação dos quartos, todos com banheiro e frigobar, além de decoração especial pensada por ela. Tudo isso a R\$70 para duas pessoas.

O preço, abaixo do habitual no mercado, não a preocupa. “Amo recepcionar pessoas, pedir para entrar, acolher, servir e saber que mais tarde vão voltar. É o meu pagamento. E será assim o resto da minha vida. Um dia ainda coloco banheiras de hidromassagem nos quartos”, brinca.

Para o gerente da agência do Sicoob em Itutinga, Marcelo Costa, dona Júlia é exemplo de empreendedorismo. “Ela tem boas ideias, vontade e perseverança

em tudo o que faz. Em seis anos o crescimento dela foi imenso e sei que ainda vai mais longe. Morei aqui por dois anos, sei o quanto batalha e o quanto dá vontade de sempre voltar”, comenta.

A Pousada da Dona Júlia fica na Praça Presidente Costa e Silva, no 307. Outras informações e reservas no site www.pousadadonajulia.com.br.

ALIMENTAÇÃO

Do café mineiro de Dona Júlia ao almoço de “Seu Jorge”. Na entrada da cidade, o Restaurante do Jorginho é citado por dez entre dez moradores de Itutinga quando perguntados sobre boa cozinha. Aliás, dez moradores mais uma: a pequena Yasmin, neta de Jorge Rocha, proprietário do lugar.

Aos três anos, ela é das gran-

DEVIDSON COSTA



Quedas d'água em abundância e de fácil acesso: maravilhas pouco conhecidas - e exploradas - por quem passa pela cidade



des propagandistas do “papá” do avô e ama a “carninha” que ele prepara. Mas não é só isso. Autor da receita de Peixe à Parmegiana na pedra, registrada em cartório, Rocha é protagonista de uma das grandes histórias de tino empresarial e perseverança em Itutinga.

Sobrinho de uma salgadeira, aprendeu cedo, aos 9 anos, alguns segredos da culinária, mas se apaixonou mesmo, mais tarde, pela construção civil. Foram quase três décadas trabalhando como pedreiro até retornar para a culinária. “Fui construir um rancho em Elói Mendes e, conversando com o dono, ele soube da minha facilidade com panelas e me chamou para trabalhar no restaurante. Cheguei e já fui logo mudando o cardápio, dando pitaco na forma de fazer o arroz. De ‘unidos venceremos’ e ‘cor-sim-cor-não’ ele se transformou em acompanhamento soltinho”, ri.

Mas a intervenção não foi apenas na cozinha. Todo o espaço, há quase nove anos comandado por Jorginho, foi reconstruído e ampliado. Hoje, é área com mesas ocupadas por gente de toda a região querendo experimentar o tempero em peixe que ele não esconde: “Vinagre, alho e sal. Depois acrescentamos fubá de canjica e farinha de trigo ao peixe, pra ele não encharcar”, conta.

Além da parmegiana que ilustra inclusive a fachada do restaurante, Jorginho serve refeições completas, com arroz, feijão, salada, batata frita e carne a R\$15 por pessoa e com fartura. Com ele trabalham a esposa, a cunhada e filhos. “Família é tudo. Não seria o homem que eu sou sem ela, desde a minha criação em Laidinha até a que constituí aqui”, explica o pedreiro-cozinheiro-empresário que associa todo o sucesso a Deus. “Ele me guia, me instrui, me protege”, garante. E está na grande placa, visível para qualquer um que passa pelo restaurante: “Que Deus lhe dê em dobro o que me desejares”.



MARIE FONSECA

Dona Júlia, Samir Chamoun e o momento do cafezinho: “Pega um pedaço de bolo, meu filho!”



DAVIDSON COSTA

Viveiro Florestal produz mais de 180 mil mudas por ano em reserva da Cemig



PAULO GAMA/DIVULGAÇÃO

Peixe à Parmegiana: receita do pedreiro que construiu em família o próprio sonho



Carlinhos rema rumo à casinha que construiu. A mesma água que já levou tudo o que possuía deu a ele sustento e paz

O HOMEM E O RIO

A autora de *Comer, rezar, amar* que nos desculpe, mas quase parodiando a ideia, o pescador Carlos Fonseca, Carlinhos, tem uma filosofia interessante: pescar, rezar, amar. Segundo ele, é colocando em prática as três palavrinhas todos os dias que ele garante o sorriso fácil e a longevidade de um senhor de 72 anos que não guarda um comprimido ou qualquer outro tipo de remédio em casa: “Não preciso”, garante.

Dono de uma peixaria bem ao lado do Restaurante do Jorginho, Carlinhos é uma das figuras míticas de Itutinga. É o tipo “homem do rio”, que tira das águas o próprio sustento e a alegria de viver. Quando não está no pequeno cômodo vendendo peixes e contando histórias mirabolantes de pescador, ele se refugia em uma ilha nos arredores da Usina Hidrelétrica de Itutinga. Ilha mesmo, literalmente. Para chegar à casa de Carlinhos é preciso remar um pouco e basta sentar na varanda da casa que construiu para testemunhar um cardume infinito de peixes passando sob os pés.

Não se anime. O local não é aberto a visitas. Mas Carlinhos, por si só, é atração turística e um dos maiores apaixonados por Itutinga. “Cheguei aqui há 45 anos, para passar apenas um dia, e não saí mais. Eu me encontrei aqui. É meu paraíso, minha fonte de paz e meu sustento. Jamais serei rico em dinheiro, mas tenho presentes de Deus em abundância”, conta. Segundo ele, em poucas horas na primeira visita à cidade, saiu da água com 600 quilos de peixes. Mais tarde, teria pescado um Dourado de 27kg e um Jaú de 62kg. “Parece história de pescador, mas não é. Juro!”, afirma entre gargalhadas acrescentando, também, que só conquistou o terreno em que ergueu o próprio recanto depois de disputá-lo “quase na garrucha”.

Tamanha alegria, porém, não é constante. Ali mesmo, no pequeno paraíso, Carlinhos já sofreu com enchentes que arrastaram ranchos inteiros água abaixo por duas vezes. Uma delas em 1992. “Não sobrou nada. Nem um tijolo. Tive que montar uma barracquinha e viver sob uma lona até levantar a casa de novo. Não me assusto. Nada me tira daqui. Chorei, fiquei com medo, mas dali a pouco rezei, pedi forças e recomecei”, diz o pescador que tem 11 filhos, 9 netos e dois bisnetos. Herdeiros que, garante, têm a mesma paixão por Itutinga e pelas águas. “É algo mágico e difícil de explicar. É preciso conhecer”, convida.





Itutinga recebeu, em meados dos anos 50, a primeira usina hidrelétrica de Minas Gerais

ENERGIA E APRENDIZADO

No início de 1951, uma mensagem enviada à Assembleia Legislativa, escrita a próprio punho pelo então governador e futuro presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, alertava para a necessidade de se criar uma companhia energética em Minas Gerais. A ideia era dobrar a produção de energia elétrica no Estado durante seu governo. Um ano depois, começava em Itutinga a construção da primeira usina hidrelétrica em território mineiro, inaugurada em 1955 com a presença do próprio JK. Em 1956, outra obra parecida foi iniciada e em 1960 a Usina de Camargos começou a ser operacionalizada.

Era o começo, ali, da perspectiva dos “50 anos em cinco” que marcariam sua passagem pela Presidência da República. Uma postura visionária. Hoje, mais de cinco décadas depois, olhar para frente e vislumbrar o futuro continuam em voga e incluem, também, a questão ambiental. Além de primar pela tecnologia e gerar energia, ainda é preciso pensar ecologicamente e, acima de tudo, repassar esse raciocínio a outras gerações.

Exatamente por isso, há 20 anos é comum ver ônibus escolares passando ao lado da geradora e seguindo rumo à estação verde criada pela Cemig em Itutinga. Cena que se repete levando a bordo 2 mil crianças e adolescentes de escolas da região a cada 12 meses. Todas dispostas a aprender, didática e tecnicamente, noções de preservação. Hoje a Cemig conta com cadastro de 20 instituições que levam turmas de alunos ao local regularmente. Mas qualquer núcleo de ensino pode agendar passeios no local.

Ali são desenvolvidas iniciativas de peixamento, reflorestamento e arborização. Só na Bacia do Rio Grande, que abrange o Sul de Minas e o Campo das Vertentes, são soltos em média 700 mil peixes de oito espécies a cada ação de repovoamento aquático todos os anos.

Quanto às plantas, o Viveiro Florestal criado e mantido pela companhia produz 180 mil mudas, entre nativas e de plantação urbana, anualmente. Nesse mesmo intervalo, mais de 120 mil são doadas a prefeituras ou imóveis particulares. Como resultado de trabalhos como este, a Cemig integra a lista de 340 empresas de 30 países no Dow Jones Sustainability World Index (DJSI World), ou Índice Dow Jones Mundial de Sustentabilidade. Nesse elenco, é a única do setor elétrico da América Latina a fazer parte do apontamento desde a criação dele, em 1999, figurando como uma das mais sustentáveis do planeta.

Prados: entre a serra e notas musicais

Município das Vertentes não conta... canta a própria trajetória

Dos chapéus, vestidos acinturados, ternos cortados por alfaiates e sapatos brilhantes a bonés, camisetas, shorts e tênis coloridos. De cestinhas de bambu a mochilas estilizadas. Das câmeras fotográficas com foles e negativos de vidro a smartphones, imagens em bytes e perfis no Instagram.

De 1868 até agora, quase tudo mudou no tradicional Passeio à Serra em Prados, o que inclui desde as gerações que participam da jornada até o próprio cenário no entorno do município com cerca de 9 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mas se tem algo que permanece intacto é a trilha sonora.

Considerada a caminhada ecológica mais antiga do país, o evento em Prados acompanhou (ou inaugurou) tradição de percursos realizados com música no Campo das Vertentes e desde o início contou com reforço de peso: a Lira Ceciliana, fundada em 1858.

Todos os anos, um dia antes da jornada serra acima, integrantes se apresentam na praça principal gratuitamente e reúnem público que sob chuva, temperaturas amenas ou frio quase chegando ao zero saem de casa para participar. “Aqui eu estou em casa, sou apaixonado por música e pela minha cidade. Aliás, qual pradense não é?”, questionou o aposentado Jairo Cardoso, um dos presentes na última edição e um dos mais animados em até interagir com o espetáculo a céu aberto da Lira. “Há uma música antiga, sem autoria definida, que está vinculada ao passeio e nos acompanha desde sempre: a *Tico-Tico da*

Serra. Em um dado momento as pessoas reproduzem o som emitido pelo pássaro. É mágico”, lembra o atual regente do grupo, Adhemar Campos Neto, o músico que “em nome do pai” assumiu as batutas da Ceciliana e deu continuidade ao trabalho de uma das figuras mais emblemáticas da região, Adhemar Campos Filho.

HERANÇA

Desde os 10 anos de idade, Adhemar Neto faz parte da Ceciliana. Oficialmente. Isso porque foi nessa idade que o então aspirante a musicista resolveu exercer um impulso que o DNA musical e a criação rodeada por instrumentos e partituras já se manifestavam no herdeiro de uma linha de sucesso de peso em Prados. “O fundador da Lira, José Estêvão Marques da Costa, é meu trisavó. Com a morte dele, o filho ficou à frente da corporação, Antônio Américo da Costa, meu avô. Logo depois a responsabilidade passou para meu pai”, relembra Neto em referência ao músico, instrumentista, arranjador, compositor e estudioso da música sacra mineira, que faleceu em 1997. “Era preciso dar sequência, manter as coisas funcionando”, diz o regente da Lira há 17 anos.

Atualmente banda, orquestra e coral contam com aproximadamente cem membros, além de estudantes com idade entre 7 e 14 anos que fazem parte da Escolhinha de Iniciação Musical vinculada à entidade.

FESTIVAL

O Passeio à Serra não é, ob-



viamente, a única realização com compasso, ritmo e melodia na pequena cidade conhecida pela musicalidade.

No aniversário de Prados, emancipada em 1890, e nas homenagens aos tropeiros e pradenses ausentes, lá estão integrantes da Lira portando instrumentos e mostrando algo do que fazem de melhor. Isso sem falar na mais pagã das festas, o Carnaval, que se destaca em toda a região; e na beleza da Semana Santa que ainda conserva ritos, símbolos e repertório das raízes católicas europeias.

Mas em meio à agenda cultural, nada se destaca e marca tanto essa característica de Prados quanto o Festival de Música, que há 36 anos toma todos os espaços da cidade – do Teatro Municipal à Capela do Rosário e ruas. Todos os meses de julho, a Lira Ceciliana renova parceria com a Universidade de São Paulo (USP) e traz para o Campo das Vertentes a possibilidade de aprimoramento dos músicos locais. Tudo isso através de cursos, oficinas e recitais.

A ligação entre o município mineiro e a renomada instituição





Lira Ceciliana apresenta retreta em evento na praça: "Faz parte da história de Prados. Não é um fardo, é um orgulho", diz Adhemar Neto

de ensino repete o encontro entre expoentes de ambos os estados no final dos anos 70, quando o maestro Olivier Toni, em turnê com alunos do Departamento de Música da USP e buscando partituras e manuscritos musicais dos séculos passados, se deparou com o maestro Adhemar Campos Filho, então regente da Lira Ceciliana.

De 1977 para cá, quase 4 mil pessoas participaram da troca de conhecimentos da iniciativa que só não aconteceu em 1997, uma forma de silêncio pela morte de Campos Filho. "A minha geração herdou um movimento que vinha desde o século XIX e é responsável, agora, por garantir que uma próxima dê continuidade a tudo isso. Faz parte da história de Prados. Não é um fardo, é um orgulho", comenta Neto.

ACERVO ULISSES PASSARELLI



Passeio à Serra em Prados: a caminhada ecológica mais antiga do país começou em 1868

A MÚSICA QUE EMBALA A HISTÓRIA

Dizem que "quem canta seus males espanta". No Campo das Vertentes, o dito popular ganha adendos. Aqui, quem toca e canta também faz história. Segundo o superintendente de Cultura em São João del-Rei, Ulisses Passarelli, o município, aliado a Tiradentes e Prados, tem as raízes mais antigas na musicalidade regional. Arquivos e registros datados de 1717, por exemplo, apontam que em uma visita à então Vila, o governador da capitania mineira, Conde de Assumar, foi recebido por uma corporação musical assim que entrou no Morro do Bonfim. "O maestro, na época, era José do Carmo. Mas essa é apenas uma das referências, formais, que temos à música na região. Tanto em São João quanto em Tiradentes e Prados há documentos ligados a irmandades ou comunidades que falam em música inclusive na Zona Rural", explica Passarelli.

Ainda de acordo com ele, há fatos históricos - e musicalizados - que se perderam por falta de documentação. "O que entendemos é que naquela época parecia inconcebível fazer qualquer evento sem que houvesse música. O resultado disso é que hoje o Campo das Vertentes está sintonizado a ela. É uma característica quase genética da região", diz.

Vice-presidente do Conselho Administrativo

"Não temos medo das mudanças. Encaramos"

Foi numa página de jornal que nos anos 70 Paulo Melo encontrou o anúncio que precisava: havia um quartinho para ser alugado na Rua Augusta, em São Paulo. E era para lá que ele se mudaria logo depois.

Também foi através de um jornal que o administrador chegou a uma pequena quitinete, o primeiro imóvel que possuiria na vida. Mas desta vez nada relacionado ao caderno de classificados. Formado em Contabilidade, Melo foi contador de nada menos que sucursais do *Jornal do Brasil*, um dos veículos mais respeitados do país, na capital paulista, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, onde também trabalhou pelo Estado de Minas. "Cheguei a São Paulo ganhando pouco, pedi aumento, mas o chefe disse que eu precisava provar o que sabia fazer, mesmo indo para lá com boas referências. Depois de um tempo fui promovido e aí sim conseguir comprar meu cantinho", lembra. "Mas não foi fácil", completa.

Longe das máquinas de escrever, mas não das rotinas jornalísticas, o são-tiaguense aprendeu bem o papel da comunicação e da informação circulante antes de ser o bom filho que à casa torna e fixar residência novamente na capital do café-com-biscoito em 1986. Foi lá também que, ao abrir uma conta corrente no *Sicoob*, em 1990, foi convidado a participar do Conselho Fiscal da cooperativa. De onde nunca mais saiu. Nesta entrevista, o vice-presidente do Conselho Administrativo fala sobre futuro, perspectivas de mercado, crise econômica e um fator essencial para o funcionamento da *Credivertentes*: os associados.

Revista Vertentes Cultural – O *Sicoob Credivertentes* é das iniciativas mais tradicionais e consolidadas da região, com 15 agências, produtos e serviços para diferentes públicos. O que ainda é possível esperar da cooperativa?

Paulo Melo – Temos uma car-

tela grande de serviços, mas uma ainda maior de possibilidades. Acredite: ainda há muitas portas para serem abertas dentro do que oferecemos hoje. Por exemplo, podemos explorar melhor a área de seguros e consórcios. Isso seria, aliás, um benefício de mão dupla. A economia na região tem ganha-

do impulso de forma exponencial nos últimos anos.

Os mercados estão se abrindo às portas dos próprios empreendedores, incluindo os de pequenos negócios. Se eles querem crescer é preciso prevenir, cuidar, realmente investir no próprio patrimônio. Mas essa ainda não é uma prática comum por aqui exatamente porque essas iniciativas foram abertas, lá atrás, como uma fonte de subsistência e renda mais ampla para a família. Não se pensava em lavoura de feijão e milho como fonte de exportação que precisava de um seguro. Era uma herança a ser deixada para que os filhos tocassem adiante e a mantivessem.

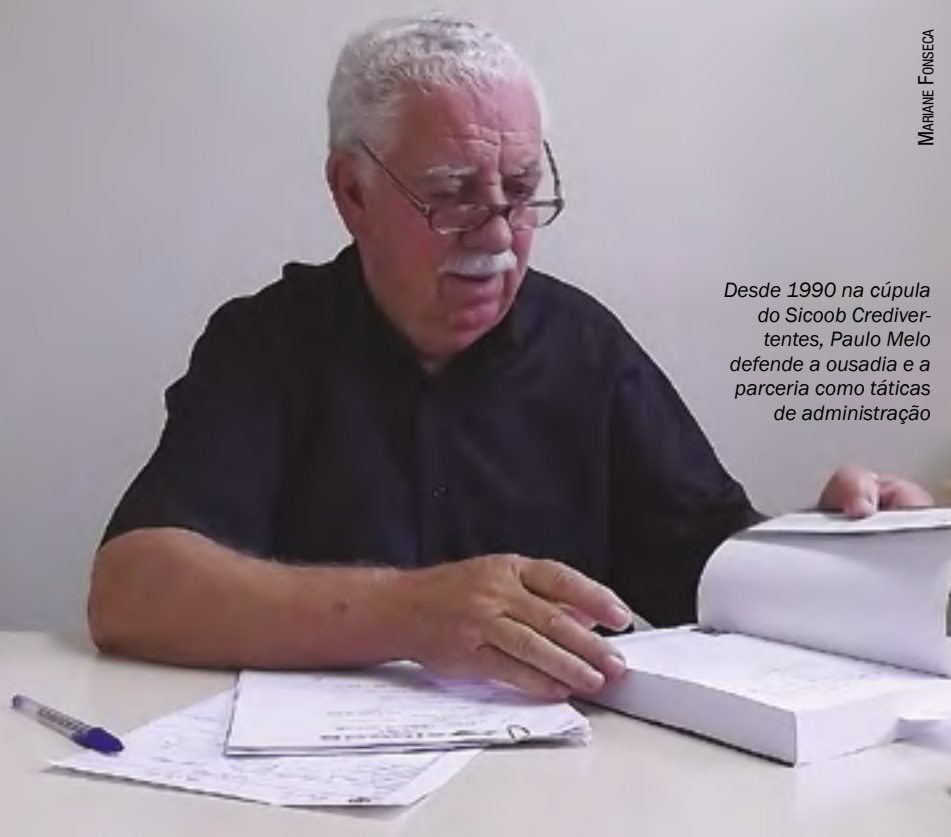
A realidade agora é outra, um mercado com horizontes bem mais amplos existe, mas é preciso conhecê-lo e trabalhá-lo. Essa demanda vale para todos nós.

Revista Vertentes Cultural – Por falar nisso, a região se destaca pelo turismo, pela memória, por produção artesanal e alimentícia em pequenos municípios que se agigantam. Seria a *Vertentes* um exemplo claro de que o apoio e o incentivo aos pequenos empresários pode alavancar, sustentar e ampliar economias?

Paulo Melo – Sem dúvida. Assim como os mercados são amplos, as possibilidades e abordagens também são. Mas já é mais do que reconhecido que uma das estratégias mais eficazes é primar pelo gerenciamento local, considerando cada cenário e os indivíduos que atuam ali. Isso se explica de forma simples: eles conhecem a comunidade e suas necessidades. Precisam de incentivo.

Aqui mesmo, no Campo das Vertentes, ainda há municípios em que a população se desloca para São João del-Rei em busca até mesmo de serviços como os de uma cabeleireira. Há pessoas interessadas em suprir essa lacuna, mas que não recebem a motivação necessária até porque já





Desde 1990 na cúpula do Sicoob Credivertentes, Paulo Melo defende a ousadia e a parceria como táticas de administração

existe uma cultura de dependência com a cidade maior.

Por outro lado, há municípios que têm se emancipado nesse sentido também. Madre de Deus de Minas, por exemplo, é um polo exemplar de produção agrícola. Diria até que é um modelo para Minas Gerais inteira, com aprimoramento de técnicas, tecnologia e dos produtos em si.

O mesmo diria com relação a Nazareno também, na mineração. Esse, aliás, foi um setor em que conseguimos penetração interessante e já contamos com prestadores de serviços das grandes organizações de lá como clientes. Nosso foco é nos pequenos negócios, mas temos espaço para os grandes também. É preciso haver essas trocas.

Revista Vertentes Cultural – Desde a explosão da crise financeira com repercussão mundial, defende-se que as cooperativas sobreviveram às turbulências e tive-

ram estrutura forte para encarar as oscilações econômicas que fizeram grandes corporações sucumbirem. Aqui no Campo das Vertentes, grande exportador de produtos, de que forma o Sicoob atuou para encarar, trabalhar e combater a crise ao longo desses anos?

Não tivemos medo da crise. Enquanto os bancos comerciais retraíram, nós avançamos. Admito que fomos ousados

elas pudessem trabalhar com a livre admissão de associados a partir de 2003. Até então só podíamos atender o produtor rural. Isso deu novo sustento aos alicerces que já tínhamos. Aqui na Credivertentes, inclusive, esse processo de mudança foi finalizado há pouco mais de dois anos. Coincidiu com o estretecimento da economia mundial.

Paulo Melo – Na verdade houve um processo de fortalecimento. O pontapé inicial foi o anúncio da criação do Bancoob em 1996, aglutinando e coordenando as cooperativas em Brasília. Aos poucos o país começou a perceber a importância delas e isso levou à permissão de que

Ao mesmo tempo, não tivemos medo da crise. Enquanto os bancos comerciais retraíram, nós avançamos. Admito que fomos ousados. Mas foi preciso. É sempre preciso arriscar e temos o aval dos associados para isso. Eles nos norteiam.

Agora vamos passar a atuar com delegados. Ao invés de assembleias amplas, naquele “senta-levanta” para saber quem concorda ou não com algo, teremos representantes eleitos através de um esquema de representatividade. Temos 12 mil associados. Será um delegado para cada cem. É uma forma equilibrada de garantir que todos os grupos terão um nome para defendê-los. Uma figura que os entenda e dará peso igualitário na hora de tomar decisões. Viu como não temos medo de mudanças? (risos) Será um marco na nossa história.

Revista Vertentes Cultural – Um dos princípios do cooperativismo é “o interesse pela comunidade”. O lançamento desta revista é uma prova dessa visão?

Paulo Melo – As cooperativas só existem porque há pessoas que confiam nelas e nas atividades que desenvolvem. Mas para confiar elas precisam saber o que é feito. Da mesma forma, nós precisamos saber do que a população precisa. É um princípio lógico de mercado: não se vende carne onde só se come peixe. Somos dependentes uns dos outros para que tudo funcione e precisamos de canais que garantam a troca de informações entre os dois lados. Por isso é importante explorar meios diferentes. Em 1996, incentivamos a criação da rádio comunitária, depois criamos o boletim, chegamos à internet. Agora ampliamos essa rede com a revista. Temos ideias e uma equipe muito engajada nessa interação. Recentemente nosso setor de Comunicação e Marketing foi premiado com uma viagem à Europa graças ao trabalho da nossa supervisora, Elisa Coelho. Somos gratos de verdade por termos quem nos ajude com tanto afinho e assim vai continuar sendo.



Redes Sociais: curtir, compartilhar... ter cuidado

Novas tecnologias e aplicativos digitalizam a cultura e a vida em sociedade

De um jogo criado em um dormitório de Harvard por um tímido e desconhecido Mark Zuckerberg a maior rede social do mundo, acessada por 1,2 bilhão de pessoas e ultrapassando os US\$ 100 bilhões em valor de mercado.

De celebridades instantâneas, como o bebê que se emociona ao ouvir a mãe cantar a uma cantora cujo vídeo amador, mesmo avaliado negativamente por 90% dos espectadores, a levou ao topo do iTunes com uma música chiclete sobre sextas-feiras. De um pedaço de frango consumido no jantar a uma imagem de Barack Obama batendo papo informal com o cantor Bruce Springsteen.

As redes sociais transitam entre os extremos tanto nas trajetórias quanto nas adesões e na qualidade de conteúdos. É, de fato, uma zona digital mista e democrática, o que a torna fascinante. Certo? Nem tanto assim.

Para a professora Alessandra

de Falco, ligada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), no “admirável mundo novo” o fator humano não deve ser negligenciado. E isso não diz respeito apenas ao fato de que por trás das tecnologias estão mentes, iniciativas e mãos. “A base de qualquer tempo não está na tecnologia em si, mas nas pessoas e como elas lidam com as concepções tem-

porais”, explica, puxando o fio de uma meada que culmina em mudanças na produção da informação – mais rápida, partilhada, com alcance maximizado – e na própria sociedade.

Exemplo disso está nas relações humanas, mediadas não só em longas distâncias, mas até mesmo dentro de casa. Que o digam as irmãs Marcela e Mariana Rezende. “Se a Mariana está lá fora e eu no quarto, ao invés de gritar para que ela me faça um favor, mando uma mensagem via Facebook ou um aplicativo de celular. Quando não podemos focar porque há algum parente por perto, também fazemos isso. Funciona”, comenta Marcela.

Os pais não acham isso tão divertido e especialistas alertam para excessos que podem estar intrínsecos nesses comportamentos.

REIS SEM CAMAROTE

No início de novembro, uma personagem nova tomou conta da internet e, claro, das redes sociais: o Rei do Camarote, um empresário paulista que, ao ser entrevistado por uma revista em matéria sobre comportamento, confessou gastar até R\$50 mil em uma única noite enquanto explicava ao público alguns mandamentos sobre a própria ostentação.

A rede se dividiu: de um lado, quem ridicularizava a figura. De



Usar o celular para trocar mensagens com quem está no cômodo ao lado: você curte?



outro, quem defendia que, em grau menor, os meros mortais também ostentavam desde a roupa da balada postada no Instagram até a participação em algum evento importante marcada no perfil do Facebook. “A busca nas redes sociais é por curtidas, por aceitação social. Tudo o que fazemos passa a ser pelo outro, para o outro: ‘olhem meu carro novo’ ou mesmo ‘olhem como eu sou legal e não me importo com autopromoção’”, explica o psicólogo Marcelo Marchiori.

FORÇA, FRAN

Mas e quando a exposição em excesso é forçada? Em outubro, uma jovem goiana teve cenas íntimas distribuídas através de um aplicativo telefônico e nas redes sociais. O caso ganhou repercussão, primeiro, com milhares de

internautas reproduzindo um sinal que a moça fazia para a câmera e que virou mote de uma “campanha” com tons de chacota: “Força, Fran!”. Depois surgiram as críticas e o pedido de criminalização para quem havia vazado o vídeo pessoal.

A garota deu entrevistas escondendo o rosto e dizendo que, com a força do caso e do preconceito, foi obrigada a abandonar o emprego e a faculdade. Ficou a questão: por que ridicularizar uma situação pela qual ninguém gostaria de passar? “Na verdade, isso sempre aconteceu. Boa parte das ações que vemos na internet são comuns ao mundo anterior, modificadas por dois fatores: a velocidade e a facilidade de conexão entre as pessoas. O chamado bullying virtual é filho da mesma agressão que, tempos atrás, era cometida na escola ou universi-

dade, locais de trabalho”, completa Marchiori.

PEQUENOS CONECTADOS

Beatriz Peixoto tem apenas seis anos, ainda está sendo alfabetizada, mas já mantém um perfil no Facebook. A pequena foge à política da própria rede, que determina idade mínima de cadastramento para 13 anos.

A mãe, Andréa Amorim, garante fiscalizar todas as ações da menina e vigiar de perto todas as pessoas conectadas à garotinha. “Ela só adiciona amigos e familiares. A Bia é uma criança inocente que entra ali para brincar e mais nada. Tudo isso comigo ao lado. Jamais colocaria minha filha em risco ou exposta a conteúdos impróprios”, frisa.

Beatriz é apenas uma integrante da já chamada Geração Z,



Na internet, nada se cria: tudo se copia, se compartilha, se curte e vira meme. De um John Lennon brasileiro ao bebê que chora ouvindo a mãe cantar, sucesso meteórico toma conta das redes. Mas a brincadeira tem seus riscos

que integra os nascidos a partir do final dos anos 90. Pessoas que vêm ao mundo interconectado através de redes e sistemas que cabem na palma da mão. Isso assusta? É perigoso? Como lidar e equilibrar a educação dos filhos nesse cenário?

Para o psicólogo Marcelo Marchiori, são muitas perguntas para uma resposta simples: o respeito a regras. “O mesmo acontece quando o assunto é a TV”, lembra ele, que defende posturas como a de Andréa Amorim no trato com a filha na internet. “Proibir uma fer-



ramenta que será utilizada cada vez mais nas nossas vidas não é a melhor via. O importante é ter o controle, definir tempo de uso. Além disso, os programas de controle de acesso a conteúdos também são interessantes. No fim das contas, os filhos sempre darão um jeito de burlar essas regras, mas reconhecerão que elas existem e que o uso da web, como qualquer outra coisa, tem que ter seus limites”, pontua o psicólogo.

CIÚMES

Mas há ainda o outro lado da fiscalização. Aquela que vigia internautas alvo de alguma paixão. No Facebook, por exemplo, é possível pesquisar que imagens ganharam um “Gostei” de usuários específicos, atalho fácil para detetives amorosos. “Antes de terminar o namoro, eu vasculhava o perfil do meu ex, sabia tudo o que ele fazia. E todas as postagens e fotos eram viradas do avesso até eu diagnosticar quem curtia ou comentava mais”, relembra a vendedora A.L.O, de 23 anos.

O processo, porém, não parava por aí. “Se eu desconfiava de alguma garota, entrava no perfil

dela e deixava mensagens pedindo pra sair da vida do meu namorado. Cheguei até a visitar o emprego de algumas”, conta A. que assume, hoje, o comportamento obsessivo capaz de levá-la à terapia.

Para Marchiori, foi o melhor a se fazer. “Quando a pessoa passa a viver mais no perfil da outro, é o momento limiar identificando que a curiosidade se transforma em algo doentio. Mas a sensação de controle nos relacionamentos está chegando num ponto tão alto que, em breve deixará de ser algo importante. O próprio exagero levará a uma revisão desse comportamento na rede”, diz.

ESTUDOS

A concurseira Tatiane Sampaio, o vestibulando Bruno Rodrigues e a universitária Marília Carvalho têm algo em comum: todos eles deletaram contas em redes sociais quando precisaram se dedicar aos estudos. “Querendo ou não, você perde muito tempo online, seja lendo, comen-



Se expressar de forma reduzida, em 140 caracteres. É possível? No Twitter sim. E sobre tudo

tando ou acompanhando de longe as postagens”, diz Tatiane.

Rodrigues concorda. “A princípio, para não ser radical, eu limitava meu tempo na internet. Mas era como atrasar o despertador quando se tem que acordar cedo: eu estendia cinco minutinhos e, aos poucos, perdia horas inteiras”, pontua.

Exatamente por isso, Marília chegou a ficar dois meses desconectada. Queria se concentrar nos estudos e não ter qualquer distração tentadora. Hoje, diz, consegue lidar bem e equilibrar os acessos. “Não dá pra fugir totalmente disso. As pessoas do curso que frequento, por exemplo, costumam dividir ou discutir conteúdos em grupos de redes sociais. Além disso, fora desses espaços você acaba ficando alheio a muito o que acontece e se sentindo meio E.T. numa roda de bar”, brinca.

Marchiori opina: “A internet favorece mesmo a perda de foco. É como quando a criança tem que estudar, está um dia ensolarado lá fora e todos os amiguinhos estão chamando pra sair. Quem precisa se concentrar, deve mesmo ficar offline enquanto trabalha ou estuda”.

Ego

Há ainda outro ponto envolvendo as redes sociais: o de atenção e satisfação do ego. “A estrutura delas está organizada para que seus usuários necessitem de ‘doses’ cada vez maiores. O sujeito posta uma determinada mensagem e logo é curtido ou compartilhado. Isso satisfaz esse desejo de atenção, de saber que é querido pelos outros. O problema é que essa satisfação é muito fraca, não dura”, diz Marchiori.

E com comprovação científica. Recentemente, uma pesquisa da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, relacionou sentimentos depressivos ao acesso a redes sociais e à ostentação dos usuários. Quem nunca achou o corpo, a roupa, o sorriso, a viagem ou o relacionamento do amigo online melhor? “Esse descompasso dá a impressão de que todo mundo está se divertindo bem mais do que a gente e isso deprime muito. No entanto, muito é mascarado, inventado ali. O choque de realidade ainda é o melhor remédio para quem inventa e para quem inveja”.



Diversas, de fácil utilização e acesso, as redes sociais se transformaram em verdadeira coqueluche nos anos 2000. Para os usuários. Do outro lado, quem cria ou gerencia esses mecanismos têm benefícios que vão além, muito além da interação facilitada: para eles, *network* é sinônimo de uma teia lucrativa.



GOOGLE+

É a segunda maior rede social do mundo, atrás apenas do Facebook, com 300 milhões de usuários. Ok, a diferença é gritante, mas mostra crescimento exponencial: o número de adesões à rede triplicou em seis meses, de dezembro de 2012 até junho de 2013. Hoje, a rede social do Google vale US\$ 20 bilhões.



TWITTER

Também classificado como um microblog, o Twitter (nome que brinca com o som curto emitido por pássaros) nasceu em 2006 e se baseia na publicação de textos coesos, com apenas 140 caracteres. As produções são publicadas em uma linha de tempo na qual o usuário lê postagens assinadas por outros perfis que ele “segue”. A plataforma permite a publicação de links e fotos para os mais de 230 milhões de usuários que tornaram a ferramenta um tesouro virtual de US\$ 14 bilhões.



INSTAGRAM

Ouviu falar em candidatos do ENEM eliminados por postarem fotos das provas? Pois é. A maioria foi flagrada enquanto divulgava as imagens em perfis do Instagram. O aplicativo foi criado em 2010 e comprado por US\$ 1 bilhão, no ano passado, pelo Facebook. A proposta do mecanismo gratuito para celulares e tablets é aplicar filtros e efeitos em fotos de forma instantânea e sem grandes complicações antes de serem publicadas. Atualmente, 150 milhões de conectados o utilizam.



Em um município sem hospitais, o ex-inspetor de sinistros lutou pela cura do mal que afligia Ibertioga - a falta de socorro médico

Fontana: o doutor da esperança

Ele não é médico, mas descobriu o remédio para a saúde em Ibertioga

“O senhor deve ter uma vida muito infeliz. Só vai onde acontecem desgraças”, disse uma viúva em 1948 a um jovem inspetor de uma seguradora que vistoriava uma fábrica de bonecas de louça incendiada. Era José Francisco de Miranda Fontana, hoje um senhor de 87 anos que conta a história sorrindo, bem como o fez em centenas de salas de aula pelo país, enquanto lecionava em escolas e universidades. “Foi um comentário à queima-roupa mesmo. Mas não me abalei na hora... Respondi à altura”, relembra. E repete com exatidão: “Muito pelo contrário, minha senhora. Só vou a lugares em que

há seguros. Há esperança”.

Mais de 65 anos depois, Dr. Fontana, como é conhecido, teria ainda mais a completar no comentário àquela mulher.

Advogado por formação, líder por natureza, ex-prefeito de Ibertioga, criador do tradicional Festival de Carros de Boi e fundador do Hospital Memorial às Mães (HMM), ele é mais do que nunca o “”, como foi chamado no livro lançado em 2008 no qual conta parte de sua trajetória em 60 anos no mercado de seguros. Bem perto de chegar aos 90 anos, Fontana diz ter consciência de que sua história daria uma série inteira, mas deixa a tarefa

de escrevê-lo para outras pessoas. “Prefiro contar”, comenta rindo, sentado em uma poltrona na sala de casa, de frente para a igreja que ajudou a reformar, a praça que arborizou enquanto prefeito e o jardim irrigado com água potável que ele levou para a cidade, com a Copasa. Mas não se gaba disso.

Prefere, na verdade, explicar cada uma das quase 20 fotos penduradas na parede da sala sem se preocupar com resumos. Foram quase três horas de conversa entre a casa que herdou dos avós e o hospital que idealizou e edificou após presenciar a morte de um menino de 10 anos, sem aten-



dimento médico, em uma comunidade rural. “Parecia uma febre forte. Mas foi o suficiente para ele partir. Isso me chocou”.

O COMEÇO

Foi no mesmo cômodo em que os pais se casaram que Dr. Fontana falou com a reportagem, exatamente um dia depois de o matrimônio do casal completar 90 anos. “Nasci em Barbacena, mas cresci aqui. Desde pequeno, até hoje, considero esse lugar o meu refúgio. Olho para o corredor e sei que era ali que meu pai dormia, quando vinha a cavalo para Ibertioga e procurava abrigo. Em uma dessas viagens, conheceu minha mãe, que tinha apenas oito anos, enquanto ele tinha 22. Ele a esperou crescer e pediu em casamento”, conta Fontana, que teve outros cinco irmãos e mesmo pequeno, aos 7 anos, já era um “homenzinho de negócios”. “Tinha uma responsabilidade grande: atravessar a rua e fazer as compras para a minha mãe no armazém. Eu me sentia o chefe da família”, ri.

Talvez por isso, acredita, tenha desenvolvido espírito de liderança que o levou à frente de inúmeros grupos e entidades, incluindo desde um clube de Leitura e um grêmio recreativo de Barbacena até a diretoria da Porto Nazareth Corretora de Seguros, por quase 20 anos, gerenciando sucursais de Norte a Sul do país e cuidando de contas como a do Vale do Rio Doce e de parte do sistema de metrô de São Paulo. Isso sem falar na presidência da Sociedade Brasileira de Ciências do Seguro e do clube dos Corretores de Seguros de São Paulo, para onde se mudou na juventude, cursou Direito e conheceu o eterno amor, Hebe Fontana.

A PRIMEIRA DAMA

“Se eu pudesse voltar ao tempo, eu me casaria de novo. Com ela”. A frase de Dr. Fontana no

funeral da esposa, Hebe, em dezembro de 2007 ainda é repetida pelo advogado sempre que toca no nome dela. “Como disse o poeta, quando ela partiu fiquei triste, pobre e só”, diz antes de contar, uma a uma, cada viagem que fez ao lado da mulher com quem teve seis filhos.

Os dois se conheceram em São Paulo, durante um almoço em um pensionato, e se casaram pouco depois, em 1953. “Eu tinha apenas 26 anos, mas fiz a escolha que mudou a minha vida. Fui e ainda sou um homem apaixonado. Ela me faz muita falta”, comenta antes de explicar o porquê do nome Hebe. “Ao lado da casa em que ela nasceu havia uma garotinha que os pais achavam uma graça. O nome dela era Hebe Camargo, uma grande estrela da TV mais tarde. Só não a acho maior que a minha Hebe”, sorri o senhor com 16 netos e dois bisnetos. “Sou um exagero em números”.

Fontana fala muito e lembra de datas com exatidão. Descreve tudo em pormenores, talvez herança dos quase 22 anos como inspetor de sinistros e mais de mil vistorias em acidentes de grandes proporções. “Ele é prolixo, amante de um microfone. Era o terror dos repórteres quando começava seu discurso. Sabíamos que o trabalho seria árduo”,

relembrou a jornalista e editora Kelly Lubiato ao escrever sobre Fontana.

O HOSPITAL

Em Ibertioga, durante muito tempo, Fontana era conhecido simplesmente como “Doutor”. Homem das leis, era procurado por quem queria conselhos ou mesmo uma luz na tomada de decisões políticas. Era a ele, também, que muita gente recorria em busca de ajuda médica. “Na época, havia quem acreditasse que eu entendia de saúde. Mas tudo o que eu podia fazer, mesmo, era buscar socorro”, lembra.

E foi o que aconteceu muitas vezes no início dos anos 70. Certa vez, um rapaz que trabalhava em uma de suas fazendas foi esfaqueado em uma briga. Sem hospital em Ibertioga, ele foi levado a Barbacena. O médico que o atendeu foi incisivo: “Mais cinco minutos e não haveria sangue no corpo dele. Se salvou por sorte”.

O mesmo, porém, não aconteceu com um pequeno paciente da zona rural que também precisava ser removido para Barbacena, a mais de 60km de onde morava. “Quando você vê uma cena dessas, tudo o que deseja é ter poder nas mãos para curar alguém. Mas não tem. O que me restou foi su-



Fontana guarda com carinho, em casa, registros antigos de Ibertioga. Em um deles, uma de suas paixões: os carros-de-boi

gerir que a criança fosse levada ao hospital mais próximo. Não deu tempo. Jamais me esqueci disso”, conta o homem que, em 1976, lançou a pedra fundamental para a entidade que, mais tarde, seria conhecida como Hospital Monumento às Mães. O complexo foi construído com dinheiro conquistado após três leilões de gado na cidade, todos promovidos por Fontana, que ia de fazenda em fazenda pedindo doações.

Hoje, o HMM é uma estrutura de pronto atendimento, pronto socorro, intervenções cirúrgicas e maternidade que continua em funcionamento, de forma gratuita, mantido com subsídios do SUS e renda arrecadada de outra iniciativa criada por Fontana: o Festival de Carros de Boi, realizado anualmente no Parque de Exposições que, aliás, foi construído em uma de suas duas gestões como prefeito.

ADMINISTRADOR

Provedor de honra do HMM, Fontana não perde o tino de observador e grande gerenciador que o tornou prefeito aclamado entre 1989 e 1992 e de 1997 a 2000. “Ele transformou o município em todos os sentidos, mas continua humilde. É das pessoas que cumprimentam todos pelo nome e sempre estende a mão”, comentou José Brás, um morador e ex-secretário local.

Fontana ouve o elogio e agradece antes de caminhar para a sala em que atua no Hospital. “Já passei o bastão para gerações mais novas, mas não deixo de marcar presença aqui. Antes de tudo sou um cidadão”, diz.

Cidadão que, aliás, lança olhar crítico sobre o desenvolvimento regional. “Nossa região poderia ser uma potência nacional na agricultura, mas faltaram investimentos. Quem trabalhava com leite comemorava 300 litros diários na época das águas, mas só 60 na seca, que acabava com os pastos e dificultava a alimenta-

MARIANE FONSECA



Dentro do HMM, quase todas as salas têm carros-de-boi como decoração. Fontana viu neles uma forma de entreter e angariar fundos em Ibertioga. Deu forças a uma tradição

ção dos animais. Faltou dinheiro para tecnologia, para que os produtores trabalhassem com ração. E os bancos não os recebiam, não queriam apostar neles. O Sicoob mudou bastante essa história. Vamos esperar o futuro”, deseja

Fontana.

E não há porque duvidar das boas perspectivas de um senhor apaixonado e cheio de fé que insistiu de ser padre aos 10 anos, mas não abandonou a missão de servir ao próximo.



Diretor Executivo Financeiro

"Os riscos existem para serem enfrentados"

Revistas sobre economia, papéis, quadros de metas e um telefone que não para de tocar. No cenário que ocupa na sede da *Credivertentes* em São Tiago, o diretor executivo financeiro do grupo, Luiz Henrique Garcia, cedeu entrevista em que falou sobre a importância de calcular, mas não temer riscos; de apostar em gestões técnicas; de primar pela comunicação e, também, de abraçar o inesperado. Nesse último caso, um inesperado que chegou em casa, duas vezes, nas mãos da esposa, Neide.

Foi ela quem, em 1991, pediu adiantamento no trabalho e pagou a inscrição do marido em um concurso do extinto Bemge. Ele foi aprovado. Também foi ela quem o incluiu, em 2000, na lista de candidatos a um vestibular de Ciências Econômicas. Tudo isso após fazer o 2º grau duas vezes. Sim, duas vezes, numa época em que o Ensino Médio era setorizado. "Terminei o curso de Contabilidade, mas não acreditava que me ajudaria a chegar à faculdade de fato. Procurei outra escola e fiz o Científico. Nessa época eu já trabalhava e pagava meus estudos", relembra.

"Trabalho", aliás, foi herança de família do são-joanense. "Lá em casa ninguém se aventurou nos negócios. Sou filho e neto de empregados. Comecei aos 15 anos na Companhia Industrial Fluminense. Já fui almoxarife, auxiliar de escritório, acabador de móveis, motorista, vendedor e até policial", conta. Segundo ele, foi nessa trajetória que aprendeu a arte de se aprimorar. E foi com essas lições que começou na *Credivertentes* como gerente da agência de Dores de Campos, passou para o cargo de gerente de negócios no Centro Administrativo, atuou como gerente geral e, por fim, aceitou há um ano a batuta de diretor executivo financeiro.

Nosso desafio e meta é fazer com que recursos e setores sejam maximizados. Nossa intenção não é apenas emprestar subsídios, mas fomentar e desenvolver meios, com a comunidade, para que se desenvolvam.

Revista Vertentes Cultural – Sua trajetória profissional reflete um perfil empreendedor e, ao mesmo tempo, de um profundo conhecedor da realidade regional. Que diagnóstico fazer dela atualmente?

Luiz Henrique – Há uma diversidade enorme de negócios na região. E isso quer dizer que também há um grande contingente de empresários e formas de administração. Mas eu, particularmente, falo em dois: os que se aventuram e os que incorporam o papel do gerenciamento. Os primeiros, quando não fracassam, conseguem pouco êxito. E isso levantamentos estatísticos mostram o tempo todo. Não basta ter ideia e vontade: é preciso se especializar e se arriscar. Mas as pessoas se reprimem.

Revista Vertentes Cultural – Em um passado recente, em São Tiago, por exemplo, as instituições bancárias tinham permanência fugaz no município ou não ofereciam possibilidades de crédito para os pequenos empreendedores. Isso explica parte da resistência à administração estratégica e a ações de maior risco? A *Credivertentes*, com filosofia e serviços diferenciados, pode mudar isso?

Luiz Henrique – Essa é uma realidade que já tem mudado. Aqui na região, os empreendedores têm amadurecido muito e isso inclui tanto indústria e comércio quanto a produção rural. Os produtores perceberam que ou encaram a propriedade como uma empresa ou vão estar fadados ao fracasso. Exatamente por isso, no Campo das Vertentes, cada vez mais, quem quer entrar para o mundo dos negócios tem se especializado. Sem base técnica, ninguém vai



Luiz Henrique Garcia
– das bases para a
Direção Executiva
Financeira no Sicoob
Credivertentes

sair de onde está.

Parte disso é resultado de grande esforço das entidades e instituições em informar e preparar, incluindo o Sicoob, que almeja relações mais próximas e diretas ao associado, mas sem deixar de lado o fator numérico. Nós também buscamos resultados, temos metas (*ele mostra o quadro pendurado em uma das paredes, com informações mensais*). A diferença é que fazemos isso em conjunto e com amplitude de negociação, conversa. Os associados sabem tudo o que acontece e participam das tomadas de decisão. Nesse ponto, em si, já está a necessidade de conhecimento mercadológico, de noções estratégicas que vão

influir não em um negócio isolado, mas em toda a comunidade.

Revista Vertentes Cultural
– *Está aí, então, um dos maiores desafios da cooperativa?*

Luiz Henrique – Sim. Nosso desafio e meta é fazer com que recursos e setores sejam maximizados. Nossa intenção não é apenas emprestar subsídios, mas fomentar e desenvolver meios, com as comunidades, para que se desenvolvam. É uma ideia que não é nova, de séculos atrás, mas que dá muito certo. Na Europa, berço do cooperativismo, isso é muito forte e com grandes histórias inspiradoras. Na Alemanha, o Banco Raiffei-

sen, a primeira cooperativa de crédito rural do mundo, ainda opera com grandes resultados. Quando Friedrich Raiffeisen o criou, o fez com bases simples: desenvolvendo um círculo de empréstimos e sistemas conjuntos de distribuição de produtos para ajudar uma comunidade que passava por grandes dificuldades na época. As pessoas aprenderam que os recursos vinham, mas precisavam ser devolvidos ao grupo. Foi a velha história de ensinar a pescar ao invés de dar o peixe. É o que fazemos aqui também. E é preciso muita coragem para isso. Tanto nossa quanto dos associados.

Revista Vertentes Cultural – *Isso inclui riscos financeiros? Como lidar com o medo deles? Esse é um termo muito ligado, ainda, a grandes corporações e fiascos...*

Luiz Henrique – Sim, e não é uma concepção totalmente errada. Mas é preciso ter sempre em mente que os riscos existem em todo e qualquer negócio que se faça, mesmo que não envolvam grandes projetos ou arquiteturas financeiras. Cada situação traz suas possibilidades positivas e negativas à sua maneira. As cooperativas, por exemplo, foram concebidas para trabalhar com pequenas economias e elas também apresentam perigo. As políticas de crédito ajudam a minimizá-los, oferecem garantias. Mas não impedem o insucesso nem evitam o inesperado. Todos estão sujeitos a crises econômicas, intempéries ou pragas que podem destruir uma produção e até mesmo problemas familiares capazes de desestruturar pessoas e negócios. É preciso, então, ter boas ideias, coragem e muita vontade de se investir no próprio sonho, de aprimorá-lo e fortalecê-lo a ponto de, se ameaçado, ter chances de ser reformulado e colocado em prática novamente.





Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068
Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcreddivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000
Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcreddivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000
Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcreddivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000
Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcreddivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000
Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcreddivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000
Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcreddivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000
Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcreddivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000
Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcreddivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 294
Centro - MG - CEP: 35.541-000
Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcreddivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000
Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcreddivertentes.com.br

Prados
Rua Magalhães Gomes, 88
Centro - MG - CEP: 36.320-000
Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcreddivertentes.com.br

Resende Costa
Av. Gonçalves Pinto, 73
Centro - MG - CEP: 36.340-000
Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcreddivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000
Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcreddivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiuva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312
Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcreddivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcreddivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: creddivertentes@sicoobcreddivertentes.com.br

www.creddivertentes.com.br



Notícias
diárias
com
credibilidade.

SICOOB
Credivertentes

PRINCIPAL O SICOOB PARA VOCÊ PARA SUA EMPRESA PARA O CAMPO TRABALHE CONOSCO

Acesse sua conta

Agência:

Conta:

ACESSAR



CRÉDITO CONSIGNADO SICOOB
SERVIDOR PÚBLICO

Uma solução rápida para colocar suas contas em dia.

Notícias

2013 - Pequenos negócios ao passado através de projetos do Banco SICOOB Credivertentes

2011 - Gestão financeira pública por setores instituída a partir de 2015

3 - Gestão Financeira Pública e 1.º Índice Brasileiro em que melhor se aprende sistematicamente

Comércio e população se unem para segurança de São João del-Rei

Qualidade e sustentabilidade são destaque de Seminário da Diocese

www.credivertentes.com.br



SICOOB
Credivertentes

